





Centro de Documentação Farmacéutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Instituto de Documentação e Arquivística
do Conselho dos Farmacêuticos



Centro de Documentación Farmacéutica
de Ordenamiento Farmacéutico

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

Magnum iter ascendo, sed d: t mihi gloria vires.
PROP.—Lib. 4, Eleg. 10.

OITAVA SERIE — ANNO DE 1884 — TOMO V



LISBOA
TYPOGRAPHIA DA VIUVA SOUSA NEVES
65, Rua da Atalaia, 65
1884

JORNAL

SOCIEDADE FARMACÊUTICA

LUSITANA



COMISSÃO DE REDACÇÃO

DR. JOAQUIM JOSÉ ALVES, director
JOSÉ DIONYSIO CORRÊA, vice-director
JOSÉ TEDESCHI
JOSÉ RIBEIRO GUIMARÃES DRACK
EMILIO FRAGOSO

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACETICA
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Representações do Centro Pharmaceutico Portuguez e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, dirigidas á camara dos srs. deputados da nação portugueza, contra' o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira, natural de Loanda, os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia.

Senhores Deputados da Nação Portugueza.— Ainda a classe pharmaceutica não estava livre do pasmo, que lhe causou a confirmação approvativa, dada pela camara dos dignos pares do reino ao projecto de lei n.º 228, que lhe havia sido enviado pela camara dos senhores deputados—projecto de lei, tendente a auctorisar André Gonçalves Pinto, sem preparatorios escolares ou abonação alguma de lettras e de sciencias, a poder fazer n'uma das nossas escôlas de medicina exame de pharmacia—quando foi sôbresaltada pela apresentação em côrtes de mais um requerimento, em que João da Cunha e Oliveira, natural de Loanda, pede identica auctorisação...!

O Centro Pharmaceutico Portuguez, senhores, trahiria a humanidade enferma, a sciencia e a sua classe, se não viesse de prompto dizer-vos que a auctorisação já concedida

e a que agora se pede, são um mal á saúde publica, acarinham a ignorancia, vão completamente de encontro á egualdade de todos perante a lei, e constituem uma excepção odiosa ao estabelecido no decreto de 12 de agosto de 1854, que é a carta patente e o nivel regulador do ensino e das habilitações officiaes, que no nosso paiz devem possuir aquelles, que pretenderem adquirir um diploma, que lhes permita exercer a nobre e scientifica profissão pharmaceutica.

Senhores, como representantes dos direitos sociaes, como cidadãos portuguezes e amantes do vosso paiz, e como legisladores justos e circumspectos, o Centro Pharmaceutico pede-vos, em nome da muito patriota e benefica classe pharmaceutica, para que não mais adorneis ignorantes com diplomas honrosos que só pertencem a quem estuda e a quem trabalha—para que não mais offendais uma classe, que tantos serviços tem prestado e presta á sociedade—para que não mais amesquinheis uma classe, a quem os governos e os legisladores d'outros paizes estão desveladamente protegendo e muito considerando.

Tende por certo, senhores, que se um dia a patria fôr assolada por uma epidemia, ou estiver a braços com um inimigo terrivel como é o cholera, que mal irá a ella, se para a sua salvação não tiver medicos e pharmaceuticos muito dedicados e instruidos.

E será justo, senhores, que pela força do favor, tornando-se esquecida a força do direito, se incorporem n'uma classe scientifica e de importancia social, como é a pharmaceutica, membros menos illustrados e menos competentes em conhecimentos uteis e precisos — quando é sabido de vós todos que, desde ha muito e ém todas as sessões legislativas, a classe pharmaceutica vos tem pedido melhor regularisação e mais augmento d'instrucção no seu ensino official?

A vossa razão esclarecida que o decida — e é a ella tambem que entregamos a justiça do nosso pedido, para não concederdes a João da Cunha e Oliveira, ou a outro qual-

quer individuo, dispensa de preparatorios escolares e habilitações legaes para poder fazer exame de pharmacia.

Exigi, senhores, mais sciencia aos pharmaceuticos do vosso paiz e não lh'a poupeis, porque isso causa grave prejuizo á sociedade, manifesta offensa á lei geral e grande detrimento a uma classe, que tem direito á justa consideração do governo e do legislador e ao respeito publico pelos seus trabalhos e serviços a bem da humanidade.

Deus guarde a V.^{as} Ex.^{as} — Porto e secretaria do Centro Pharmaceutico Portuguez, 19 de janeiro de 1884. — *Isidoro da Fonseca Moura.* — *José Rodrigues de Mello Junior.* — *Antonio Rodrigues Ferreira de Carvalho.*

Senhores Deputados da Nação. — Com todo o respeito que lhe merece a elevada missão que vos conferiu o povo portuguez, e como representante dos pharmaceuticos do paiz, vem a sociedade pharmaceutica lusitana reclamar perante vós, a quem compete legislar de modo que as vossas leis produzam sempre um progresso material ou um bem moral, que se traduza na utilidade de todos, mas nunca em beneficios pessoases, com detrimento de muitos e particularmente quando esse detrimento affecte o pondunor e a dignidade de uma corporação, contra o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia.

E, se a sociedade pharmaceutica ousa transpôr com uma reclamação o limiar da sala onde assenta tão respeitavel assembléa, é porque, senhores, a dispensa, quando concedida, significa um aviltamento para a classe que ella representa, e vós não querereis certamente aviltar uma classê honesta, que trabalha assiduamente para o bem da humanidade.

Se um precedente lastimavel, devido, queremos acreditar-o, a uma imprevisão, e nunca a um proposito, não tivesse já magoado profundamente todos os pharmaceuticos

portuguezes, a sociedade pharmaceutica não viria agora desviar a vossa attenção para este assumpto, porque confiaria na vossa justiça e na vossa sã razão; mas um facto inteiramente identico, a que consta do requerimento, teve sancção da vossa assembléa, e vós fôstes certamente illudidos e a classe pharmaceutica foi menospresada.

E, para que o facto se não repita, para que vos não illudam nem nos menospresem, nós vimos dizer-vos: Srs. deputados da Nação, a pharmacia em Portugal é, como em todos os paizes civilisados, uma profissão scientifica. Para se poder ser pharmaceutico, isto é, para se desempenhar com consciencia e dignidade esta profissão, é indispensavel um desinvolvido estudo das sciencias naturaes e uma aturada pratica de laboratorio.

Os legisladores que vos precederam assim o comprehenderam, e isso significam as leis de 1836 e 1854.

Mas, a classe pharmaceutica julga que essas leis não satisfazem já hoje ás exigencias das sciencias medicas, e por isso tem pendente da vossa approvação um projecto de lei que alarga os horisontes da sua habilitação scientifica.

Ora não é justo, senhores, que por leis do estado se eguallem, em direitos e deveres, regalias e considerações, homens que trabalham e se instruem e que desejam e precisam instruir-se mais, áquelles que, relapsos ou ambiciosos, procuram viciar as leis e conspurcar os creditos d'uma classe que tem todo o direito á consideração publica.

Por isso a sociedade pharmaceutica lusitana espera da vossa comprovada illustração e da vossa dedicação ao bem geral, que não defiraes o requerimento que tem por fim dispensar a João da Cunha e Oliveira os preparatorios para fazer exame de pharmacia.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 16 de janeiro de 1884. — *José Tedeschi*, presidente. — *José Gomes de Mattos*, 1.º secretario. — *Antonio Augusto de Ascenção*, 2.º vice-secretario.

Moção feita pelo ex.^{mo} sr. presidente da sociedade, em sessão de 8 de janeiro de 1884, sôbre o projecto de lei que dispensa a André Gonçalves Pinto, droguita na provincia de S. Thomé, os preparatorios exigidos por lei para fazer exame de pharmacia.

Senhores.— Não é permittido a uma sociedade scientifica, legalmente constituida, lançar em suas actas um *voto de censura* aos poderes do estado, ainda mesmo que seja bem reconhecida a razão que para isso houvesse.

Não lhe é licito egualmente formular protestos contra as deliberações tomadas por esses poderes, ainda mesmo que seja bem clara e evidente a injustiça que provenha d'ellas, ou seja em desfavor do paiz em geral ou de alguma classe e pessoa em particular.

Mas se lhe não é permittido, nem licito, tomar qualquer d'estes dois expedientes, quando um facto que o mereceria a vem offender em suas justas aspirações, tambem lhe não é licito ficar silenciosa e acceitar mudamente as deliberações d'esses poderes, em que a sua dignidade é offendida, a sua justiça despresada, as suas justas petições esquecidas, a lei geral e a egualdade na sua applicação calcadas por uma lei especial, feita a favor de um individuo, com prejuizo dos direitos de muitos outros a quem têm sido impostas obrigações que a esse são dispensadas.

Eis o facto, narrado com toda a simplicidade e despidido de ornatos, que julgamos sempre desnecessarios quando se trata de expôr a verdade.

Um governador de uma das nossas provincias ultramarinas, levado por influencias, que nos não compete avaliar, auctorizou, por uma portaria, um individuo natural d'essa provincia africana a estabelecer uma pharmacia, administrativa e exercer n'ella o seu expediente, sem dependencia da habilitação que as leis exigem.

Um outro governador, a quem foi requerida a derogação d'essa portaria, que fôra passada illegalmente, talvez por deferencia para com o seu antecessor que a promul-

gara, indeferiu esse requerimento, confirmando-a e lançando em seu despacho uns fundamentos, que, além de falsos, eram offensivos ás escolas do reino, onde se obtêm as habilitações leaes para o exercicio de qualquer profissão.

Recorrendo-se d'esse despacho ao governo, pelo ministerio da marinha e ultramar, aconteceu presidir a esta repartição do Estado um homem instruido, recto e imparcial, que reconhecendo a justiça do pedido e a illegalidade da portaria e do despacho que a confirmara, a derogou e a annulou, recebendo a auctoridade que abusara, excedendo a sua alçada, a devida correccão.

Este ministro foi o sr. conselheiro Mello Gouveia, a quem esta sociedade votou agradecimentos em virtude da justiça que praticara, como era esperada.

Passado algum tempo é apresentado na camara dos srs. deputados um projecto de lei, em que a favor do mesmo individuo, a quem fôra passada a portaria illegal, se derogam todas as leis que regulam o modo e condições de se fazer as habilitações de pharmaceuticos! Apesar das justas reclamações feitas n'essa occasião, e pela protecção dada ao interessado, o projecto foi approvedo sem o assentimento da competente commissão de instrucção publica.

Subindo á camara dos dignos pares do reino, ali, e com a rapidez do raio, estava a ser votado quando o digno par, o sr. Pires de Lima, observou que não devia ser votado sem ser ouvida a commissão de instrucção publica.

Apesar d'esta observação, o projecto foi votado e approvedo na ultima hora da sessão parlamentar de 1883!

A sociedade pharmaceutica lusitana, pois, que representara legalmente contra esta injustiça que se pretende fazer aos aspirantes pharmaceuticos, a quem se exige, com muita razão, um certo numero de preparatorios, e que vê assim despresadas todas as suas representações pedindo a regularisação das escolas e ensino de pharmacia, não pode deixar de lamentar que tal approvação se verificasse, e visto que não tem outros recursos para obviar a execução de tão injusta deliberação, nem lhe é permittido exarar censuras

nem protestos em suas actas, não deixará contudo de mostrar a sua reprovação, para o que, proponho:

Que se lance na acta um voto de puro sentimento, pelo facto de se ter approved, no poder legislativo, uma proposta de lei que está em completa opposição aos justos pedidos d'esta sociedade, todos tendentes a aperfeçoar a instrução pharmaceutica.

Lisboa e sala da sociedade pharmaceutica lusitana, em 8 de janeiro de 1884.—O membro effectivo, *José Tedeschi*.

Parecer da comissão de direito pharmaceutico, de 5 de maio de 1883, ácerca do fornecimento de medicamentos, para o exercito portuguez, por meio de arrematação.

Senhores.—A comissão de direito pharmaceutico d'esta sociedade recebeu, ha poucos dias, um officio, que lhe fôra dirigido pelo pharmaceutico de Santarem, o sr. Francisco João Rosa, pedindo a sua opinião sôbre a legalidade, ou illegalidade, com que se tem feito, e parece que vae continuar a fazer-se, o fornecimento de medicamentos para o exercito portuguez por meio de arrematação.

A resposta, que esta comissão e mais tarde a sociedade, tem a dar é simples e facilima, porque a seu respeito a lei, que dirige o exercicio da pharmacia é clarissima n'este ponto, como oxalá o fôsse n'alguns outros.

Effectivamente quem lêr o § 12.º do art. 74.º da lei de 3 de dezembro de 1868, unica, que actualmênte nos rege, ali encontrará, que é punido com a multa de 4\$000 réis, e o dôbro pela reincidencia, o *pharmaceutico, que vender medicamentos por preço maior ou menor que o preço marcado no regimento*.

O regimento em vigor foi approved e mandado executar por decreto de 13 de abril do findo anno de 1882, assignado pelo rei e referendado por um dos actuaes ministros, o ex.^{mo} sr. Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira, que serve o importante cargo de ministro do reino, debaixo da

presidencia do actual ministro da guerra, que por fiel executor das leis do paiz, e porque de certo em conselho de ministros sancionou a doutrina d'aquelle decreto, não consentirá que elle seja despresado pelas repartições a seu cargo:

Demais, não é crível, que o actual ministro da guerra, não só porque sancionou, como não podia deixar de sancionar, a doutrina d'esse decreto, que tem por base a lei de 3 de dezembro, mas, além d'isto, pelo muito zêlo, que mostra ter pela benemerita classe militar, que não quererá sujeitar á eventualidade de ser soccorrida, em suas doenças, com medicamentos de inferior qualidade, o que acontece sempre quando se procura o mais barato; não é crível, dizemos, que possa ordenar, nem consentir, que pelas repartições do seu ministerio se promova, consinta, e pratiquem infracções da lei que, como ministro, como militar, como legislador e cidadão tem obrigação de respeitar, manter, cumprir e fazer cumprir.

Já vê, pois, esta sociedade, que a opinião da vossa commissão, fundada na lei do paiz e na conveniencia dos doentes da nobre classe militar, é que taes arrematações não se podem fazer, nem se devem consentir, e que contra este abuso se deve reclamar quanto antes para de uma vez acabar com elle.

A sociedade, pela sua illustração e competencia, resolverá como julgar de justiça,

Lisboa e sala da commissão, em 5 de maio de 1883.—
O director, *J. Tedeschi*.—*Augusto d'Oliveira Abreu*.—*Agostinho Sisenando Marques*.

PHARMACIA

Presença de cobre nos extractos pharmaceuticos

O dr. Galippe publicou o resultado de algumas analyses, relativamente á presença do cobre metallico em diversos

extractos pharmaceuticos, ou nas materias primeiras que serviam para os obter.

Já, em 1877, havia annuciado á sociedade de biologia a presença de cobre no extracto de quina dos hospitaes de Paris.

Mais recentemente doseou o cobre metallico no referido extracto de quina dos hospitaes, e encontrou 0,12 por 1000 de extracto. No extracto de quina preparado pelo methodo Mouchon, e evaporado em capsula de porcellana, obteve 0,03 de cobre metallico por 250 de quina empregada.

A quina continha pois, pelo menos, 0,12 de cobre por 1000. Esta proporção deve necessariamente variar segundo a especie e o solo d'onde procede.

O dr. Galippe pesquisou igualmente a presença de cobre metallico na ipecacuanha do commercio, encontrando 0,0056 por 1000; d'onde se conclue que o extracto de ipecacuanha deve normalmente conter cobre.

Na raiz de genciana a percentagem de cobre era de 0,0128 por 1000, e no extracto 0,034 por 1000.

Poder-se-hia proseguir n'estes doseamentos para todos os extractos pharmaceuticos, com a certesa de encontrar o referido metal em proporção mais ou menos consideravel, visto que todos os vegetaes analysados até aqui o contêm em quantidade apreciavel.

Em certos extractos de alcaçuz do commercio, a proporção de cobre é muito notavel. Assim:

Extracto de alcaçuz A, cobre por 1000 ... 0,0880

Extracto de alcaçuz B, cobre por 1000 ... 0,3128

Esta ultima percentagem não deve surprehender, visto que os extractos de alcaçuz do commercio, entre outras impurezas, encerram aparas de cobre. Além da sua insolubibilidade, estas parcellas de cobre, ainda mesmo que, em consequencia do seu volume, podessem penetrar no tubo digestivo, não provocariam ahi nenhuma reacção, como está evidenciado por uma serie de experiencias realisadas sôbre o homem e sôbre animaes.

(*Journ. des connoiss. médicales.*) S. M.

Essencias e aguas distilladas aromaticas

PELO SR. PERCY WELLS

Este auctor, quando procedia á preparação das essencias e das aguas distilladas aromaticas, descobriu o meio de obter estes productos de qualidade superior; de cheiro mais suave e impedia a decomposição das aguas distilladas. O processo consiste em ajuntar, á agua que vae servir á distillação, sufficiente quantidade de permanganato de potassa até que obtenha ligeira coloração rosada.

Se as flôres fôrem já avelhantadas ou damnificadas em parte, adicionar-se-ha á agua e do mesmo modo o dito permanganato.

As aguas assim preparadas conservám-se por espaço de dois annos.

As essencias retificadas em agua, ajunta-se, a cada trinta grammas, tres a seis centigrammas de permanganato de potassa; e, depois da distillação, consegue-se notavel melhoramento.

(Pharmaceutical Journal.)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES**A GEOLÓGIA**

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

I

A geologia é uma sciencia vasta. Dirige-se ella ao estudo da constituição physica do globo terrestre, e á descoberta das leis que presidem á formação das suas diferentes partes. Primeiro estuda os factos, que reune em grande numero, depois combinando-os, d'ahi deduz theorias certas ou provaveis e consequencias rigorosas, conforme o numero de factos é mais ou menos consideravel.

Como todas as sciencias, a geologia se conservou muito tempo no seu estado infantil; seculos decorreram conservando esta sciencia apenas apoiada em meras hypotheses, cosmogonias, resultados incoherentes de uma imaginação credula.

Vulgarmente a geologia julga-se uma sciencia nova, não é porém assim; ella é cultivada desde a mais longinqua antiguidade, pôsto que cheia de mysterios e mythos incomprêhensíveis.

Desde épocas muito afastadas se tenta prescrutar as origens do globo, suspeitando-se ainda que, vagamente, as causas que o produziram; e a antiguidade, por intermedio de suas religiões e idéas cosmogonicas, nos apresenta bases, que indicam conhecimentos geologicos assás desinvolvidos.

II

A biblia, esse livro antiquissimo, é o unico que nos fornece noções sôbre a historia da geologia, mais claras e mais exactas; e agora que a sciencia se firma em bases solidas, não podemos deixar de admirar a precisão mathematica com que o auctor, inspirado, nos conta a origem e a criação do globo.

Moysés e os livros sagrados, nos descrevem a terra creada, desde a sua origem, e recebendo sua forma do proprio Deus, que a destinava a ser habitada, primeiro no estado cahótico ou de materia incandescente, depois coberta pelas aguas, conservando uma parte a sêcco para receber primitivamente as plantas, os animaes e por fim o homem. Se a escriptura nos mostra depois a terra destruida, primeiro pela queda do primeiro homem, depois por um diluvio resultante dos crimes dos descendentes de Adão, tambem a antiguidade nos descreve a terra sublevada interiormente pelos fogos subterraneos. Assim, ora nos aponta os tremores de terra aluindo ou sublevando ás montanhas, ora os effeitos synchronicos das aguas pelo esgôto dos rios,

fluxo dos lagos, as vagas do mar, de que a violencia cava as rochas e destroee pouco a pouco as margens.

Eis portanto esboçados os germens e as bases de altas questões geologicas: a terra primitivamente creada com seus habitantes e para sua habitação; depois modificada interiormente e na superficie pelas duas causas synchronicas, a agua e o fogo; que a destroem e a modificam por seus esforços reunidos. N'isto se firma toda a geologia, concordando assim com todas as leis do universo. Comparando-se a narração ao mesmo tempo simples e grandiosa, que Moysés nos legou, da criação do mundo com as descrições vagas e confusas dos philosophos gregos, que viveram posteriormente, facilmente conheceremos que a cosmogonia do legislador judaico é muito superior a todas as outras.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Pesquisa do oleo de algodão no azeite de oliveira

Segundo noticia o *Jornal de pharmacia de Alsacia-Lorena*, o professor Bechi, de Florença, tendo feito numerosas experiencias, chegou a determinar um processo simples para a referida pesquisa, o qual é muito mais exacto que todos os outros processos que têm sido indicados.

O processo do professor Bechi baseia-se na propriedade, que possui o oleo de algodão, de reduzir o azotato de prata.

Mistura-se em um pequeno matraz 5^{cc} de azeite suspeito com 25^{cc} de alcool a 98° e 5^{cc} de um soluto de azotato de prata (1 gr. de azotato: 100^{cc} de alcool a 98°), e aquece-se em banho de agua a 84°. Se o azeite contém oleo de sementes de algodão, ainda que seja em diminuta quantidade, adquire coloração mais ou menos carregada, segundo a percentagem de oleo de algodão.

N'este ensaio é preciso não aquecer a mistura á chamma directa, porque n'estas circumstancias obtêm-se colorações

mais ou menos intensas com outros oleos, taes como oleo de colza, de linhaça, de caroços de pecego. S. M.

Vinho nutritivo de carne

Acêrca d'este novo preparado pharmaceutico do nosso distincto collega o sr. conselheiro Pedro Augusto Franco, encontra-se em um dos ultimos numeros do *Correio Medico* a local que transcrevemos em seguida:

«Como sub-delegado de saude do concelho de Belem, fui convidado pelo sr. conselheiro Pedro Augusto Franco para assistir á preparaçãõ do seu novo invento — o vinho nutritivo de carne.

O sr. Franco teve a deferencia de mostrar-me e ao sr. administrador de Belem, que tambem por convite se achava presente, o accordãõ da junta consultiva de saude publica approvando o alludido vinho, assim como a licença legal para o poder expôr á venda; teve egualmente a condescendencia de mostrar-me a formula do preparado, a qual achei muito bem combinada e propria para preencher o fim para que foi feita.

O vinho nutritivo da carne é um verdadeiro liquido alimenticio, de gôsto agradável, de digestão facilima, ainda, para os estomagos menos tolerantes, e podendo conservar-se inalteravel por muito tempo. Parece-me que este preparado está destinado a substituir, com muita vantagem e dentro em pouco tempo, todos os preparados analogos que nos chegam do estrangeiro, como vinhos de carne, de peptona, etc. — *Alves Branco Junior.*»

Esta apreciação é-nos muito agradável por dizer respeito a um medicamento devido ao labor e intelligencia de um pharmaceutico portuguez e por ser firmada por um medico abalisado. S. M.

NECROLOGIA

Francisco Antonio Alves de Azevedo

O dia 5 de novembro de 1883 foi de luto e de lagrimas para a illustre familia Alves de Azevedo. Victima d'uma congestão cerebral, caira fulminado um dos seus mais honrados membros, o sr. Francisco Antonio Alves de Azevedo, pharmaceutico distincto e um dos proprietarios da bem conhecida pharmacia Azevedo, sita na praça de D. Pedro d'esta cidade.

A fouce da morte caindo implacavel por sôbre todas as jerarchias, sem o respeito pelas edades, pelo saber, pela nobresa, pela virtude, pela opulencia, e com a indiferença da sua fatal voracidade, acaba de prostrar este notavel homem de bem; digno a todos os respeitos, pela sua bondade, pela sua esclarecida intelligencia, pela sua honradez, e pela sua dedicacão ao trabalho, de mais dilatados annos.

Nascido na epoca calamitosa, em que já se iam sumindo os eccos das campanhas napoleonicas, que abalaram pelos alicerces, derrocando alguns, os thronos da Europa; educado por seu pae nos principios da mais austera moralidade, ainda chegou a tempo de saudar com a alegria infantil a nova era de 1820.

Seu pae desde os primeiros annos lhe foi ministrando o ensino pharmaceutico, como quem via já em tão intelligente filho um digno successor; iniciando-o simultaneamente nos estudos preparatorios, que cursou com brilhante exito.

Acabava de completar 18 annos, e a despeito da grave interrupção no seu curso, correu a alistar-se como o voluntario n'um nos batalhões nacionaes, onde mais liberal, mais heroico, mais patriotico pulsava o sangue portuguez.

Sem a hesitação dos fracos, e ardendo em amor pelos principios liberaes, troca de bom grado o fôfo leito do lar domestico, pela dura taboa da tarimba; as iguarias da mesa

paterna, pelo negro pão de munição; os desvelos da família pela rude convivência do quartel.

Austero respeitador da disciplina militar, a sua acção e dedicação pela causa, não se exerceu nos estreitos limites da — parada — e do passeio militar, — entrando em fogo com um denodo e abnegação que mereceu dos seus superiores o louvor dos bravos. Triste é dizel-o, o batalhão de Malta, a que então pertencia; era constituido quasi exclusivamente de mancebos, que, sentindo arrefecido o ardor dos seus enthusiasmos primitivos, ia enfraquecendo com as deserções continuadas, por tal modo, a ficar reduzido a um numero extremamente exiguo.

Quem gostara os transportes da gloria com o enthusiasmo de uma ardente convicção, tinha animo de mais para repeller com energia a tão estranha pratica da camaradagem *pusillanime*, que o instava por sua adhesão.

Firme nos seus principios acompanhou sempre a bandeira do seu ideal até ao fim da campanha.

Terminada a guerra e volvido a casa de seus paes, entregou-se de novo aos labôres da pharmacia.

Era muito para vêr a pontualidade, a sujeição e o progressivo desinvolvimento que realisava em tudo que lhe era confiado no seu laboratorio; trocando sem estranhesa os habitos da vida militar, tão varia, pelas monótonias d'uma paz, consumida longe das distrações inherentes á adolescencia, para viver preso e amarrado á dura pratica da vida pharmaceutica.

Seu pae, para quem a instrucção era a verdadeira riqueza, esmerou-se até ao limite de suas posses em a ministrar a seus filhos, couvicto que esta era a melhor herança que lhes podia legar.

A tão sentidos desejos correspondeu Francisco Antonio Alves de Azevedo, que pressuroso correu a frequentar as aulas, como complemento de habilitação, para o curso a que se dedicara, tendo por companheiro seu irmão o sr. José Joaquim Alves de Azevedo.

Inseparaveis desde a primeira idade estes dois irmãos,

quaes Castor e Pollux na amisade, constituindo uma dualidade harmonica, formavam como que uma só entidade, em todas as suas revelações sympathicamente discretas.

Consequindo termo dos seus estudos, os novos pharmaceuticos, sôb a direcção de seu pae, se entregaram fervorosamente ao proposito de desinvolver com irreprehensivel solicitude e acerto todos os negocios da casa, e tão bem dirigida e exercida foi a sua actividade, que ella mereceu, ainda dos mais exigentes e pechosos, referencias honrosas, ambicionando a sorte de tão feliz pae, que via com mal disfarçado orgulho levantarem seus filhos a um esplendor admiravel, o seu estabelecimento ha poucos annos ainda tão limitado em suas transacções.

No vasto mar da vida, em que as ondas encapelladas pelos ventos das paixões fazem sossobrar tantos baixeis, séguia seu rumo, qual nau alterosa, este estabelecimento, mercê de tão habeis timoneiros.

A fortuna ia coroando de prosperidades a infatigavel diligencia dos moços pharmaceuticos, que, cada vez mais fôram ampliando com aptidão notavel o campo das suas operações commerciaes.

Chêgara emfim a occasião de Antonio Feliciano Alves de Azevedo poder descançar das suas fadigas, confiando inteiramente a seus filhos a direcção da já então importante casa; não sem a modesta hesitação d'estes, que a tudo antepunham o seu justo melindre; mas acceitando gostosos tão pesado encargo, com allivio que era para tão bom pae.

Sem embargo da labutação da vida pharmaceutica e commercial, nas horas que todos procuram para descançar, os livros eram o seu melhor ocio.

A par das sciencias — a botanica — a geographia — o estudo das drogas — a chimica — a pharmacia, eram-lhe tambem familiares os estudos litterarios; é assim que a historia, o latim, o grego e os classicos portuguezes lhe occuparam longas horas de meditação.

Este affincado amor ao saber manteve-o elle até aos ultimos dias da sua existencia; de uma memoria que a todos

admirava, alternando assumptos ainda os mais diversos, encantava sempre, prendia a attenção, pela sagacidade e philosophia com que os tratava.

No conhecimento da historia natural e commercial das drogas medicinaes era notavel a sua vasta erudição, bem como notavel era tambem, pela grande copia de conhecimentos botanicos que possuia, e que a cada momento manifestava, a proposito de qualquer especie sôbre que era consultado.

Conhecia a flora portugueza, e eram-lhe familiares todos os botanicos, que classificaram e herborisaram na peninsula, Brotero, Garcia de Horta, Corrêa da Serra, Christovam dos Reis, João de Loureiro, Amatus Lusitanus, Chaudet, Sprengel, Chevallier, Guibourt, Hamboury e Tournefort constituiam a sua predilecção, manuseando-os constantemente.

Qual piedoso romeiro que á volta de trabalhosa peregrinação pelas terras, berço do christianismo, reparte, pelos crentes, com mão larga, o fructo da sua colheita, tal se nos afigura este homem, distribuindo com mão generosa e modesta os conhecimentos interessantes, adquiridos nos campos da sciencia em aturadas lucubrações.

A pharmacia e a chimica applicada mereceram-lhe tambem um especial cuidado; notando-se-lhe a brevidade com que resolvia qualquer consulta, relativamente á preparação dos compostos pharmaceuticos e chimicos.

Os seus conhecimentos não se limitavam á sciencia pharmaceutica; entremeiando, com os estudos da sua profissão, a historia — a geographia, mais de uma vez o vimos finalizar considerações sôbre botanica ou chimica, pelas reflexões historicas e geographicas, tão bem, e com tão opportuna actualidade que facil se insinuava no espirito dos que o escutavam.

Muitas vezes, como amante que era da lingua patria, agastado, se não indignado, e carregando o semblante, com toda a viva scintillação dos seus olhares penetrantes, erguia a voz contra os que menospresando o idioma portuguez lhe

roubavam suas galas, para o eivar de cenismos; vendo assim malbarateadas as lições dos classicos, que elle tanto prezava e estudava.

Pouco expansivo em affectos, guardava no intimo da alma sentimentos, cuja grandesa bem se patenteava na oportunidade de occasião.

O seu amor paternal levou-o á pratica dos maiores extremos pelos filhos, não se poupando aos maiores sacrificios, para lhes legar um futuro digno e honrado.

A caridade foi das virtudes christãs a que mais ennobreceu aquelle coração; nunca a pobreza deixou de o procurar, que não encontrasse n'elle sempre um valioso auxilio.

Estranho ás *luctas* partidarias da politica, e abstendo-se de exercer cargos publicos de representação, para que foi convidado, o seu logar foi sempre dentro do estabelecimento; onde se desinvolvia uma actividade que, a todos espantava, não só pelo acerto dos seus expedientes, mas pela singelesa e despreensão com que se entregava a todos os trabalhos, ainda os de mais rude tracto.

Era um d'esses portuguezes antigos, francos de alma, de rija tempera, de convicções ardentes, de character francamente aberto, indifferente a todas as exterioridades fatuas, a todo o brilho futil, simples, modesto, honrado e sincero, e de um desprezo pelas exigencias do luxo, quanto ao seu vestuario, que chamava sobre si a attenção, de todos que viam n'aquelle velho venerando a encarnação do philosopho.

A familia perdeu n'elle o mais desvelado chefe; a classe pharmaceutica — um dos seus mais sabidos membros; o commercio, um dos mais honrados negociantes; a sociedade — o cidadão probó, trabalhador exemplar; e nós, que tantas vezes lhe bebemos o melhor dos seus conselhos e practicas — o mais affectuoso dos amigos.

(*Gazeta de Pharmacia.*)

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 13 DE NOVEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. Guimarães Drack, 1.º vice-presidente

Foi aberta a sessão ás sete horas e meia da noite.

A acta da sessão antecedente não foi lida pelo segundo secretario que pediu desculpa.

A correspondencia teve o devido destino.

Ao encetarem-se os trabalhos entrou na sala o sr. commendador José Tedeschi, que vinha pela primeira vez assistir ás sessões da sociedade, depois do grave desastre que lhe succedera.

O sr. *Guimarães Drack* immediatamente o convidou a occupar o logar da presidencia, tendo previamente mostrado o prazer e a satisfação que tinha, assim como toda a sociedade, em vêr completamente restabelecido o sr. Tedeschi, cujas altas qualidades de espirito e coração exaltou; mostrando tambem os seryços que toda a classe devia a tão prestante pharmaceutico. A assembléa, que era numerosa, applaudiu muito o sr. Drack, no que mostrou quanto apreciava o sr. Tedeschi.

Tendo este occupado o logar da presidencia, começou por agradecer ao sr. Drack as palavras amáveis com que o tinha distinguido, o que significava simplesmente a amizade intima que os ligava. Agradeceu a todos os pharmaceuticos da capital e das provincias as provas d'estima que lhe dispensaram durante o tempo em que esteve afastado dos trabalhos da sociedade.

Em seguida propoz que se lançasse na acta um voto de louvor ao sr. Drack, pela maneira como tinha dirigido os trabalhos durante o tempo que esteve exercendo a presidencia. — Foi approvedo unanimemente.

Propoz tambem que se lançasse na acta um voto de sen-

timento pela morte do socio effectivo Francisco Antonio Alves d'Azevedo, a quem fez o elogio, e pela morte da mãe do nosso consocio Augusto Santos Viegas. — Fôram approvados.

Antes da ordem da noite foi concedida a palavra ao sr. Guimarães Drack, que pediu explicações á mesa pelo facto de, na acta de uma das antecedentes sessões, não constar que elle tinha enviado um officio, em que mostrava a necessidade de se fazer uma exposição pharmaceutica.

Fôram-lhe dadas pelo segundo secretario que prometeu transcrever na integra o dito officio que é o seguinte:

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo-se apresentado a idéa de uma exposição pharmaceutica nacional, para celebrar o quinquagesimo anniversario da nossa sociedade, no banquete offerecido por muitos dos nossos socios aos collegas portugueses, que vieram representar contra a importação dos medicamentos estrangeiros de composição desconhecida; e tendo esta mesma idéa apparecido, justamente encarecida, na muito apreciada *Gazeta dos Hospitaes Militares*, tenho a honra de solicitar de v. ex.^a o obsequio de apresental-a á consideração da sociedade, não tanto para approval-a já, mas para preparar os animos a acetal-a depois de detida meditação, caso se julgue realisavel e conveniente, como se me afigura.

Como explicação ou antes como additamento ao que se lê na *Gazeta dos Hospitaes Militares*, de 30 de julho findo, direi que, em tempo, consultei alguns dos nossos collegas mais auctorizados, para realisarmos uma exposição dos nossos productos, como faziam então os nossos vizinhos hespanhoes; esses collegas, porém, objectaram-me por forma que eu não ousei levar a idéa ao seio da sociedade, onde ella já tinha sido apresentada e posta de banda nos ultimos annos de vida do nosso distincto collega Pedro José da Silva, um dos que tomou parte na discussão, se bem me recordo.

Quer-me parecer, porém, que para a conjunctura indicada do semi-centenario, uma festa de tal ordem teria todo o cabimento e é digna de que, para a sua realisação, nós

envidemos todos os esforços, como mui judiciosamente pondera no seu jornal o meu illustre e particular amigo Guilherme José Ennes. Deus guarde a v. ex.^a Lisboa, 11 de agosto de 1883.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Antonio Gomes Roberto, dignissimo segundo vice-presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.—O primeiro vice-presidente, *José Ribeiro Guimarães Drack.*»

Passando-se á ordem da noite, fôram eleitos socios correspondentes os srs. Manuel Augusto de Mattos Feliz, Cesario Corrêa da Silva e Boaventura de Lima Sanches.

Em seguida continuou-se na discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha.

O sr. *J. D. Corrêa* pediu a palavra e disse o seguinte: «Sr. presidente.—Tem-se, insensivelmente, feito renascer uma questão, de ha muitos annos fortemente debatida e votada pela sociedade, ácerca dos pharmaceuticos de primeira e segunda classe.

Permitta-me v. ex.^a que eu faça uma breve narraçãõ do que tem occorrido a este respeito, em presença dos meus apontamentos.

Extincta a physicultura-mór do reino, por effeito da sollicitaçãõ d'esta sociedade, occupou-se esta de estudar os meios que se deviam pôr em pratica, não só para diminuir gradualmente o numero de pharmaceuticos em Portugal, sem prejuizo de direitos adquiridos, mas ainda para elevarmos a nossa classe á altura a que tẽem chegado os nossos collegas das nações mais civilisadas.

Houve a idéa, apresentada pelo nosso primeiro presidente, José Vicente Leitão, de representarmos aos poderes publicos, pedindo a fixaçãõ do numero de boticas em cada localidade, segundó a populaçãõ e distancias.

Pouco tempo depois foi publicado o decreto, com fôrça de lei, de 29 de dezembro de 1836, pelo qual se estabeleceram as actuaes escólas annexas de pharmacia e as duas classes de pharmaceuticos; ficando obrigados os nossos collegas estabelecidos a enviarem annualmente, a cada uma das ditas escólas, o registro dos seus praticantes.

Infelizmente alguns d'aquelles collegas descuidaram-se de remetter os ditos registros, determinados no art. 131.º do sôbredito decreto; e aconteceu aos seus praticantes estarem ameaçados de perderem o tempo de pratica que possuíam para fazerem exame.

Em 1853 occupou-se a sociedade de discutir, em diversas sessões, um extenso *projecto para a criação de escolas especiaes de pharmacia*, o qual contém quarenta e um artigos e vem inserto em o nosso jornal, tomo do mesmo anno, pag. 226.

N'esta occasião a sociedade entendeu conservar ainda as duas classes de pharmaceuticos; e, para maior incitamento dos que se dedicassem para a primeira classe, approvou a proposta por mim feita: *«que não carecem de licença para estabelecerem pharmacia em qualquer parte do reino, ou seus dominios, serão preferidos para todos os logares publicos da sua classe e que se provêrem nas ditas escolas, no serviço de saude publica, nos partidos das camaras municipaes e nas direcções das boticas civis, da marinha e do exercito.»* Para os da segunda classe: *só poderão estabelecer-se fóra das capitães dos districtos administrativos.»*

Todas estas disposições assemelham-se ás estabelecidas na legislação franceza.

Em 27 de junho de 1855 alguns dos ditos praticantes requereram respeitosaente a valiosa protecção d'esta sociedade, para que interpozesse as suas supplicas ao governo, a fim de não serem victimas dos descuidos já referidos. A sociedade acceitou este pedido e obteve do governo se procedesse ás justificações perante as competentes autoridades administrativas, com relação ao tempo de pratica.

Sr. presidente.—Fui sempre defensor da segunda classe de praticantes de pharmacia, oppondo-me ás pressões injustas praticadas contra elles; a ponto de haverem chegado á posição melindrosa e ameaçadora de perderem, sem que para isso tivessem dado causa, muitos annos de assiduos trabalhos e avultadas despesas.

Em sessão de 4 de março de 1858 occupou-se esta so-

cidade de discutir o *projecto de lei de reforma de instrucção pharmaceutica*, apresentado pelo deputado e nosso consocio o ex.^{mo} sr. Antonio Xayier Rodrigues Cordeiro, de Leiria, è bem assim o respectivo parecer da commissão de direito pharmaceutico. Entraram n'este importante debate e fallaram extensamente os nossos dignos consocios Marianno Cyrillo de Carvalho, João de Sousa Pereira, Joaquim José Alves, Manuel Vicente de Jesus, o relator da commissão e eu.

A commissão de direito pharmaceutico e os socios acima mencionados combateram, e eu defendi, a existencia da segunda classe de pharmaceuticos que vinha comprehendida no projecto em discussão; e a sociedade approvou, por grande maioria, que houvesse só uma classe de pharmaceuticos.

Respeitando, como é do meu dever, esta deliberação e fiel ao cumprimento impôsto pelos nossos estatutos e regimento interno, não posso deixar de a defender e observar.

Sr. presidente.—Do que deixo expôsto já os meus collegas e consocios me farão justiça de acreditar que não sou incoherente, mórmente quando se trata do progresso da pharmacia, sem effeito retroactivo e em presença do projecto de reforma do ensino pharmaceutico, apresentado pelos representantes da nação e nossos dignos consocios os ex.^{mos} srs. dr. Joaquim José Alves, Marianno Cyrillo de Carvalho, Visconde de Carregoso e conselheiro Pedro Augusto Franco. O digno Centro Pharmaceutico Portuguez tambem nos tem acompanhado n'este pedido, e ha merecido os nossos cordiaes agradecimentos.

Resumindo, julgo indispensavel continuarmos n'esta honrosa cruzada, não só por pertencermos a uma profissão liberal e scientifica, mas porque *o actual ensino pharmaceutico, entre nós, é o mais excepcional e scientificamente miseravel, e que muito concorre para o descredito de um paiz qualquer, em assumptos de saude publica e do ensino de sciencias medicas*, como foi asseverado pelo nosso digno consocio benemerito o ex.^{mo} sr. dr. Antonio Augusto da Costa

Simões, na sua oração de sapiencia feita em 16 d'outubro de 1881, por occasião da abertura das aulas da Universidade de Coimbra.

Com a devída venia, termino por avivar, o que todos sabemos, *que a sciencia não pára, porque as descobertas vão successivamente apparecendo; tudo devido ao constante lutar das modernas intelligencias.*»

Usou da palavra o socio Emilio Fragoso, que fez prolongadas reflexões em favor das duas classes de pharmaceuticos, ficando ainda a discussão pendente.

Estando a hora adiantada, encerrou-se a sessão. Eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso.*

Officio do Centro Pharmaceutico Portuguez, de 18 de janeiro de 1884, em resposta ao que lhe fôra endereçado por esta sociedade, datado de 14 do referido mez.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a honra de accusar recebido o officio que, sôb o n.^o 66 e com data de 14 do corrente mez, v. ex.^a se dignou dirigir a este Centro; e, em resposta ao mesmo, cumpre-me dizer a v. ex.^a, para que haja a mercê de o fazer saber á muito benemerita Sociedade pharmaceutica, que pode afoutamente caminhar a bem dos interesses e da consideração da classe, que para tal empresa jámais lhe escaceará ou demorará o auxilio d'este Centro, ainda que bem pouco valioso elle seja.

Como prova de boa vontade dos pharmaceuticos do Porto, bastará informar a v. ex.^a que tendo o Centro conhecimento, extra-officialmente das resoluções d'essa Sociedade, nomeou logo em sua reunião extraordinaria de 10 do corrente, uma commissão, para de accôrdo com a muito digna direcção da Sociedade pharmaceutica, não só representar á Camara dos Senhores Deputados contra a illegal pretensão de mais um outro individuo querer obter permissão para fazer exame de pharmacia, sem possuir os respectivos preparatorios de letras e sciencias, mas tambem,

se licito fôr, protestar pela imprensa, contra o facto consumado das camaras legislativas authorisarem André Gonçalves Pinto a fazer exame de pharmacia sem haver os mesmos preparatorios.

Corre-me mais o rigoroso dever de agradecer as expressões de amavel fraternidade e de alta valia que no mesmo officio se encontram endereçados ao Centro pharmaceutico; mas, permitta v. ex.^a que lhe diga que taes louvores nem são cabidos nem merecidos, pois que, apesar dos bons desejos de todos os membros do Centro, elles ficam muito áquem do zêlo e da actividade, que a Sociedade pharmaceutica tem empregado em favor do bem geral da classe de quem ella é a principal representante e a mais desvelada defensora.

Deus guarde a v. ex.^a — Secretaria do Centro Pharmaceutico Portuguez, 18 de janeiro de 1884. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. 1.^o secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — O secretario, *Antonio Rodrigues Ferreira de Carvalho*.

SAUDE PUBLICA

Ensaio do azeite que se suppõe falsificado com o oleo de algodão

Pelo sr. Zecchini

Segundo diz o sr. Mario Zecchini o processo para reconhecer a presença do oleo de algodão no azeite é facil e muito expedito, permittindo decobrir até 5 % da substancia que serviu para a falsificação.

Mistura-se em um tubo de ensaio 5^{cc} do azeite de que se desconfia com 10^{cc} de acido azotico completamente incolor e exempto de vapôres nitrosos ($d = 1,40$); agita-se o tubo fortemente por meio minuto, e seguidamente colloca-se em sentido vertical, deixando-o em repouso durante cinco ou seis minutos, que tantos bastam para o liquido se dividir em duas camadas.

A superior, constituída pelo azeite, hade apresentar a

côr cinsenta com um ligeiro reflexo amarellado, se o oleo fôr puro.

Operando nas mesmas circumstancias com oleo de algodão, observa-se no liquido a côr de castanha, quasi preta, que faz lembrar a côr do infuso de café.

No caso de haver mistura dos dois oleos, a côr da camada superior dos dois liquidos irá desde o amarello de ouro até á côr de casca de castanha mais ou menos intensa, apresentando diversos cambiantes, conforme a proporção dos oleos misturados.

G. DRACK.

PHARMACIA

Assucar de leite

Tem apparecido algumas vezes falsificado com alumen, sal marinho. O seu soluto aquoso precipita então em branco pelo chloreto de baryo, sôb a forma gelatinosa pela ammonia, em amarello-canario pelo chloreto de platina; e dá, com o azotato de prata, precipitado branco solúvel na ammonia e insolúvel no acido azotico.

Essencia de mostarda negra

Tem sido falsificada com alcool, benzina, petroleo, sulfureto de carbono.

Os dois hydrocarburetos são descobertos pelo acido sulfurico, misturando-se, em um vidro de relógio, 50 gôtas d'este acido concentrado e incolor com 5 gôtas de essencia suspeita, agitando-se com vareta de vidro, que dará coloração vermelha ou escura bastante intensa; e, quando a essencia é pura, não apresenta mudança alguma, conservando-se a mistura incolor.

Incenso

O mais estimado é o da India, trazido directamente de

Calcutá, formado de lagrimas amarellas, semi-opacas, arredondadas, mais grossas que as do incenso de Africa. Algumas vezes tem sido encontrado no incenso, conduzido em fardos ou caixotes, pequenos crystaes de carbonato de cal natural.

Mel commum

É muitas vezes falsificado com amido, pôlpa de castapha, farinha de feijão, farinhas cruas ou torradas, areia, etc.

O amido, farinhas e areia, servem para dar a viscosidade ao mel alterado e augmentar-lhe seu volume. Estas fraudes reconhecem-se pelo calor, sôb a influencia do qual o mel sophisticated adquire grande consistencia, em quanto que o mel puro liquida-se.

A agua fria solve todas as substancias soluveis do mel e deixa em residuo os corpos estranhos; taes são: a areia, que se precipita, as farinhas e o amido, etc.

Potassa caustica

Encontra-se no estado de hydrato, e contém algumas vezes cal, alumina, silica, sulfatos, chloretos, oxydos metallicos. Todas estas impuresas provêem da falta de cuidado na preparação d'este producto ou dos vasos nos quaes fôra executada.

Reconhece-se a existencia da cal e da alumina, sôbresaturando o soluto aquoso de potassa caustica pelo acido azotico, que dará precipitado de carbonato de cal por um carbonato alcalino, e precipitado gèlatinoso de alumina pela ammonia, insoluvél no soluto azotico de potassa; este produzirá precepitado branco com o chloreto de baryo se existirem sulfatos, e precipitado branco com o azotato de prata se tiver chloretos.

Em quanto aos oxydos metallicos (prata, cobre, chumbo, ferro), a sua presença manifesta-se quando se faz passar uma corrente de gaz sulfhydrico no soluto aquoso do al-

cali, e este escurece-se depositando floccos negros que serão depois analysados pelos reactivos.

Soda caustica

Ha duas sortes: *soda a cal*, *soda a alcool*.

A soda a alcool é a mais pura; a soda a cal contém algumas vezes substancias estranhas (chloreto de sodio, sulfato e carbonato de soda, sal de ferro, etc.), e bem assim proporção consideravel de agua da hydratação.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Uroroseina, nova materia corante de urina

Os srs. Neucki e Sieber encontraram em uma urina diabetica uma substancia corante, até então desconhecida, e á qual deram o nome de uroroseina.

Para a isolar junta-se a 100^{cc} de urina suspeita 10^{cc} de acido chlorhydrico ou de acido sulfurico a 25%. Se a urina a contiver, a mistura adquirirá a côr vermelha. Algumas gotas de alcool amylico e nova agitação fazem apparecer em solução no liquido a uroroseina com uma bella côr de rosa.

É muito instavel, e tanto, que chega a desaparecer das urinas que a contêm, no fim de algumas horas.

Não existe na urina normal. Os srs. Neuchie e Sieber têm tido occasião de enconral-a principalmente nas urinas dos doentes de cancro, febre typhoide, nephrite, e chlorose.

Examinada ao spectroscopio, apresenta na parte verde do spectro uma linha de absorpção caracteristica entre a linha E e a linha D do sodio. Além d'isso o seu soluto, quando é submettido á concentração, toma successivamente a côr da laranja, do azul de anil, e da violeta.

G. DRACK.

Dosagem da uréa pelo processo alcalimétrico do sr. L. Hugounenq.

Este chimico, preparador no laboratorio da escola de medicina de Montpellier, lembrou-se de aproveitar a propriedade que tem a uréa de transformar-se em carbonato de ammoniaco em presença da agua a uma temperatura elevada, para mais facilmente obter a dosagem d'esta amide.

A transformação começa a 14°, e activa-se a 180—190, temperatura mais propria para se completar. Obtida ella, resta dosar o carbonato de ammonia por meio de um soluto normal de acido sulfurico e determinar a quantidade de uréa.

Introduz-se em um tubo espesso, fechado por uma extremidade, 5^{cc} da solução de uréa; junta-se-lhe 15^{cc} a 20^{cc} de agua distillada, fecha-se o tubo e mergulha-se em um banho de oleo, que se eleva a 180—190, por espaço de uma hora. Passado esse tempo, abre-se o tubo, vasa-se, depois de lavado convenientemente com agua distillada, reuem-se as aguas de lavagem ao liquido primeiro.

Procede-se então ao ensaio alcalimétrico. N'este caso prefere o sr. Hugounenq um soluto, contendo 40^{gr.} SO³ por litro, e substitue a tintura de tornesol por um soluto de uma côr de anilina conhecida no commercio pelo nome de laranja n.º 3. Quando se opera nas condições ditas, isto é, sobre 5^{cc} de soluto, e com um liquor graduado como o auctor aconselha, basta multiplicar por 60 numero de centim. cubicos empregados, descontando-se o ultimo decimo de centimetro cubico, para ter em grammas a riqueza exacta de uréa contida em um litro de soluto.

Para bem apreciar o valor do seu processo, o auctor preparou solutos graduados de uréa sêcca e pura e obteve os seguintes resultados:

Riquezas verdadeiras	Resultados obtidos pelo methodo proposto	Resultados obtidos por meio do hypo-bromito
18,8 por mil	12,8 por mil	12,6 por mil
14,0 » »	13,9 » »	13,0 » »
15,0 » »	15,0 » »	14,4 » »
16,0 » »	16,2 » »	15,1 » »
17,0 » »	17,0 » »	16,0 » »
18,0 » »	18,0 » »	16,9 » »
19,2 » »	19,3 » »	18,3 » »
24,0 » »	24,0 » »	22,4 » »
28,0 » »	28,0 » »	» » » »

Por outra serie de experiencias reconheceu que a presença successiva ou simultanea do chloreto, do sulfato, do phosphato, e do urato de soda não affectavam a exactidão dos resultados. E reconheceu mais que, se os saes da urina physiologica permittem a dosagem da uréa com toda a precisão, outro tanto não succede á acidez normal e á materia corante.

Por isso é necessario, quando se opéra com urina, agital-a com negro animal não lavado, e filtra-a. O negro animal tem a dupla vantagem de saturar o acido em excesso, e eliminar a materia corante sem reter a uréa.

A presença da albumina é tambem prejudicial na urina, e importa recorrer á ebullição, para nos desembaraçarmos d'ella.

A glucose, e a magnesia em quantidade notavel, oppõem-se tambem a este methodo de ensaio.

Como é sabido, a dosagem volumetrica pelo hypo-bromito de soda dá resultados um pouco inferiores, e o processo de Liebig fornece pelo contrario numeros um tanto altos. O sr. Hugouenq, para demonstrar a excellencia do seu methodo, offerece-nos o quadro seguinte:

Urinas normaes

Processo Liebig	Methodo alcalimetrico	Processo pelo hypobromito
25 por mil	20,6 por mil	19,4 por mil
16,4 » »	12,0 » »	11,3 » »
34,5 » »	32,7 » »	32,4 » »
16,7 » »	13,8 » »	12,7 » »

G. DRACK.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado do tomo de 1883, pag. 243.)

PERSONATAE

Scrophularinae. R. Br.

Verbascum thapsus, L. ¹

(V. Schraderi. Mey.; V. alatum. Lam.; V. neglectum. Guss.)

Verbasco ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Cabeceiras de Basto e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as folhas e summidades floridas.

Emp. como emolliente e peitoral nas affecções pulmonares ².*Scrophularia aquatica*. Brot. non Lin. ³

(S. auriculata. L. 2. minor. Lge.)

Herva das escaldadellas.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Lagoa de Albufeira e em outros pontos das nossas provincias da Beira, Douro e Extremadura.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como emetica, purgativa, diuretica e narcotica.

Pouco usada ⁴.¹ Variedade. β . Hispanicum. Coss.² Póde substituir-se-lhes o *Verbascum crassifolium*. Hfsg. et Lk.; V. phlo-moides. L.; V. sinatum. L., todos indigenas da nossa Flora.³ Variedades: α . glabra., β . pubescens.⁴ O povo emprega esta planta debaixo de fórmias diversas contra as queimaduras superficiaes pelos liquidos quentes.

Antirrhinum latifolium. D. C. β . *purpurascens*. Bth.

(A. majus. Brot. A. Linkianum Boijs et Reut.)

Herva beserra.

Hab. nos arredores de Coimbra, Lisboa, Cintra, Cezimbra e Serra da Arrabida e em outros pontos do paiz.

P. u. as folhas.

Emp. como emolliente, debaixo da fórma de cataplasma para resolver os tumores. Pouco usada.

Antirrhinum majus. L. β *angustifolia* Willk.

Hab. nas visinhanças de Faro.

Flor. na primavera e estio.

Hab. as folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Digitalis purpurea. L.¹

Dedaleira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Vizella, Cintra, Grandola, Estremoz, Serra de Monchique e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e parte do estio.

P. u. as folhas radicaes².

Emp. como diuretica e narcótica. Esta planta é muito venenosa e convém ter a maxima cautella na sua applicação. Empregada em alta dôse occasiona nauseas, vomitos, evacuações alvinas, vertigens, cephalalgia, desmaios, delirio, convulsões e a morte³.

Gratiola officinalis. L. β . *angustifolia*. Wk. et Lge.

(G. officinalis. Brot.; G. linifolia. Hffgg. et Lk., non Vahl.)

Cinifolio, Graciosa ou Graciola.

¹ Variedade. β . tomentosa. Wbb.

² Devem ser colhidas da planta espontanea, no segundo anno de vegetação, antes de terminada a floração. (*Pharmacopœa portugueza*, 1876.)

³ O principio activo d'esta planta, que se chama *Digitalina*, foi obtido em Paris no anno de 1844 pelos srs. Homolle e Quevenne. «A digitalina exerce uma acção especial sobre o coração, diminue de maneira notavel o numero das pulsações, acalma a suffocação, e é dotada de tal energia, que não é possivel, sem perigo de vida, administral-a senão em doses extremamente pequenas, 1 a 2 milligrammas, repetidas duas a tres vezes por dia, raras vezes mais.» (Chernoviz.)

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Paul de Foja, Peso da Regua e margens do Vouga.

Flor. de maio a agosto.

P. us. a planta florida.

Emp. como emeto-cathartico.

Veronica officinalis. L.¹

Veronica da Allemanha ou das boticas. Chá da Europa.

Hab. no Bussaco, Serras da Louzã, da Estrella, do Gerez Cabeceiras de Basto e outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. de maio a julho.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como estimulante fraco e sudorifico.

Veronica beccabunga. L.

Beccabunga, Morrião da agua.

Hab. junto das nascentes entre Campião e Peso da Regua, Bragança e em outros pontos da Beira e Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Acanthaceae. R. Br.

Acanthus mollis. L.

Acantho, Branca ursina dos italianos, Herva gigante.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Santarem e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as folhas.

Emp. como emolliente. Pouco usado.

PETALANTHAE

Primulaceae. Vent.

Primula officinalis. Jacqu.

(*P. veris* α . *officinalis*. L.; *P. veris*. Willd.)

Primavera das boticas.

¹ Variedade. β . *Tourneforti*. Rehb.

Hab. em Trás-os-Montes e outras partes no norte do reino. (Brot.)

Flor. em abril e maio.

P. u. a planta florida.

Emp. como calmante e antispasmodica. Pouco usada.

Lysimachia vulgaris. L.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Paul de Foja, Leiria, Lagôa d'Obidos, S. Thyrsó e na Beira proximo ao Mondego, assim como em alguns pontos nas margens do Douro.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como adstringente. Pouco usada.

Anagalis arvensis. L.¹

Murrião.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Buarcos, Leiria, Lisboa, Faro e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a outubro.

P. u. a planta florida.

Emp. como narcótico². Pouco usado.

BICORNES

Ericaceae. D. C.

Calluna vulgaris. Salisb.

(*C. erica*. D. C.; *Erica vulgaris*. L.)

Urze, ou Torga ordinaria.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Vizella, Bussaco, Covilhã, Otta, Beja, Faro e em quasi todo o paiz.

Flor. em setembro e outubro.

P. u. as summidades floridas.

Emp. como lithonriptica. Pouco usada.

Arbutus unedo. L.

Medronheiro, Ervodo.

Hab. na Serra da Arrabida, Pinhal de Leiria, vizinhanças de Coimbra, Bussaco, Serras da Louzã e do Gerez, etc.

Flor. na primavera e ás vezes nõ estio.

¹ Variedades: *β. longifolia*. Wk., *γ. latifolia*. Lge.

² Outr'ora foi muito empregada para combater a epilepsia e a hydropsia.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

- P. u. a casca, folhas e fructos.
 Emp. a casca e folhas são adstringentes, os fructos narcoticos. Pouco usado ¹.
Vaccinium myrtillus, L.
 Arando, Uva do monte.
 Hab. o Gerez.
 Flor. em maio e junho.
 P. u. as bagas.
 Emp. como refrigerantes e adstringentes.
Rhododendron ponticon, L.
 Hab. a Serra de Monchique e as vizinhanças de Agueda.
 Flor. de abril a junho.
 P. u. as folhas e casca.
 Emp. as folhas como antipsoricas e a casca como adstringente. Pouco usado.

(Continúa)

(Instituto de Coimbra.)


 VARIEDADES

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTORICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 14)

III

Os chaldeos, admittindo a terra primitivamente creada no meio das aguas, julgavam que houvera primeiro uma primavera perenne, e que catastrophes ou phenomenos diversos tinham produzido alterações no estado da terra e nas estações; admittiam que a terra era ôca e que por phenomenos produzidos, parcialmente no interior do globo, a superficie da terra descaira em certos locaes, dando lugar ao levantamento das montanhas. Os egypcios ad-

¹ Dos fructos do medronheiro obtem-se um magnifico alcool, talvez o melhor depois do vinho.

mittiam em suas cosmographias, ha mais de tres mil annos, a fluidez primitiva do nosso planeta, sua submersão prolongada nas aguas e metharmorphoses successivas na superficie do globo, produzidas, segundo elles admittiam, pela deslocação do eixo dos polos, que suppunham ter sido primitivamente paralelo ao da ecliptica; assim admittiam tambem a formação das montanhas pelo descaimento do solo debaixo das aguas e destruição parcial das terras pelas vagas. Os phenicios, adoptando as idéas egypcias, accrescentavam mais a theoria do levantamento das montanhas pelos fogos vulcanicos. Todos estes povos antigos, egypcios, chaldeos e phenicios concordam com os hebreus, attribuindo a criação primitiva do mundo produzida por um ser infinito e todo poderoso. Elles são concordes que este ser existiu sempre, que tem destruido e reformado algumas vezes o mundo e seus habitantes. As doutrinas da India professam a sua origem n'uma tradição primitiva e original.

Os institutos ou leis de Manon, livro sagrado dos indios, ao qual sir William Jones attribue uma antiguidade, pelo menos de 880 annos antes de Jesus Christo, contém uma exposição do systema de destruição e reproducção alternativa do mundo. Por uma successão alternativa e constante de horas de vigilia e de repouso, diz Manon, o inimitavel poder revifica e destroe eternamente este immenso ajuntamento de creaturas, dotadas ou não de movimento. Manon declara depois que houve uma longa successão de *Mamwantaras* ou periodos; de que a duração ha sido, para cada periodo, de milhares de seculos e continua assim, e tem havido creações e destruições de mundos innumeraveis; mas o ser elevado ao supremo fastigio parece brincar com tudo isto, tal é a facilidade com que compõe e destroe: além de que, elle recompõe sem cessar, pelo unico prazer de tornar felizes os entes que creou.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Flora pharmaceutica portugueza**(Herborisações)**

Os empregados do jardim botânico da universidade de Coimbra e os do jardim botânico da escola polytechnica têm feito, nos ultimos tempos, algumas excursões botânicas, dando em resultado ter sido a flora pharmaceutica indigena enriquecida com mais algumas especies, que não constava habitassem em certas localidades, ou mesmo no paiz. Entre outras contam-se as seguintes:

Teucrium chamaedris L. Camedrios, Herva carvalhinha. (Encontrada pelos srs. F. Moller e J. Deveau, proximo do Cabo Espichel).

Cetraria islandica Ach. Musgo islandico. (Serra da Louzã e visinhanças de Mafra).

Colchicum autumnale L. Colchico. (Serra de Rebordão, proximo de Bragança).

Smilax mauritanica Desf. Legação negro. (Visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz).

Lonicera etrusca Santi. Madresilva. (Proximidades de Coimbra, Porto, Lisboa, Setubal e em muitas outras localidades do paiz).

Lonicera implexa Ait. (Villa Franca de Xira. Serra da Arrabida, Setubal, Loulé e outros pontos do paiz).

Vinca major L. Congossa maior. (Castello Branco e em algumas terras do Algarve — S. Braz, Faro, Tavira e S. Estevão).

Menianthes trifoliata L. Trevo de agua, Trevo dos charcos, Trifolio fibrino. (Lagoacho das Favas na Serra da Estrella).

Thapsia garganica L. Thapsia. (Proximidades de Monte-mór-o-Novo, Beja, Mertola, Serra d'Ossa, Albufeira).

Levisticum officinale Koch. (Serra da Estrella, proximo ao Cantaro magro, Pomar de Judas, etc.) Segundo Guibour, os fructos e raizes que se vendem em França com os nomes de sementes e raizes de aipo são os fructos e rai-

zes d'esta planta, que ali é vulgarmente denominada *aipo dos montes*.

Sarotahmnus scoparius. Koch. Giesteira commum. (Visinhanças de Coimbra, Gerez e outros pontos do paiz).

S. M.

Papel transparente para photographia

Mergulha-se o papel em soluto alcoolico de oleo de ricino e, depois da evaporação do alcool, obtem-se bello papel transparente. Pôde-se depois expellir o oleo por uma nova immersão no alcool.

Meio de separar a agua do alcool

Deita-se na mistura pequenos pedaços de gelatina, a qual, insolavel no alcool, absorve toda a agua.

Tincta de vanadio

Berzelius indicou o tannato de vanadio como tincta de escrever, porque os acidos não a atacam.

Este sal é hoje empregado na tincturaria e preparado em maior quantidade que n'outro tempo.

O sr. dr. Siemens apresenta a formula seguinte:

Tannino.....	10,00 gram.
Vanadato de ammonia.....	0,20 „
Agua distillada.....	200,00 „
Gomma arabica em pó.....	6,00 „

F. s. a.

O sr. Boettger propõe o acido pyrogallico e o vanadato de ammonia, que produz tincta azulada sem precipitado; mas o sr. dr. Geissler diz que os caracteres, traçados com esta tincta, tornam-se amarellentos em pouco tempo. O extracto de campeche e o vanadato de ammonia dão uma tincta excellente.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 27 DE NOVEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente, e bem assim a da sessão de 9 de outubro ultimo.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura de dois officios dirigidos pelos socios effectivos os srs. Augusto Ribeiro dos Santos Viegas e Francisco Bernardo de Sousa; no primeiro, agradecia-se á sociedade o ter-se feito representar no saimento da mãe do nosso consocio, no segundo, agradecia-se á sociedade o cuidado que teve em mandar, repetidas vezes, saber do estado de saude do nosso consocio, durante a prolongada doença que o accommetteu.

Receberam-se os seguintes jornaes: *Gazeta dos Hospitaes Militares e Correio Medico*, de Lisboa; *L'Union Pharmaceutique*, e *Répertoire de Pharmacie*, de Paris; *Monitor de La Salud*, de Barcelona; *Coimbra Medica*, de Coimbra; *Boletim Commercial*, e *Boletim de Pharmacia*, do Porto.

Ordem da noite

Continuação da discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha

O sr. *Silva Machado* foi quem encetou os debates, baseando a sua argumentação na defeza d'uma unica classe de pharmaceuticos, mas com instrucção mais pratica do que theorica, e não concordando, em absoluto, com o projecto sôbre o ensino apresentado em camara pelo sr. dr. Alves.

Que o socio Fragoso argumentava tambem com b exemplo d'outras nações, não se lembrando que a França e a Hespanha tractam actualmente d'organisar uma unica classe, por

a pratica lhes demonstrar o inconveniente de haver duas com differença de habilitações.

Que era sempre mau haver, em individuos que exercem denticia profissão, graus scientificos differentes, porque isso contribuia para a rivalidade, e d'esta nasciam odios e invejas muito para lamentar.

Que na medicina e outras profissões scientificas não haviam duas especies de habilitação.

Fez ainda outras considerações, terminando por mandar para a mesa a seguinte proposta, que foi admittida á discussão.

«Proponho que se eleja uma comissão para elaborar um projecto de reforma de ensino pharmaceutico, despido de luxo de sciencia; mas comprehendendo os conhecimentos theoreticos e praticos indispensaveis para o bom e cabal desempenho da missão pharmaceutica.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, em 27 de novembro de 1883.—O socio honorario, *Alfredo da Silva Machado.*»

O sr. *Fernandes da Cunha* combateu a opinião do socio *Fragoso*, apresentando varios argumentos em favor de uma unica classe de pharmaceuticos. Leu varios periodos d'um livro publicado em 1868 pelo sr. Luiz Vicente Fortuna, pharmaceutico em Mathosinhos, em que se advoga a opinião de que deve haver uma unica classe de pharmaceuticos com um curso desinvolvido.

O socio *Fragoso* fallou novamente em favor das duas classes, porque com ellas se obstava ao charlatanismo que necessariamente havia de campear por todo o paiz, desde que se admittisse só uma classe com um curso desinvolvido. Mostrou como os governos assim o têm entendido, porque nunca concordaram com os pedidos feitos actualmente pelas duas sociedades pharmaceuticas do paiz. Que na reforma de 1836, feita por Passos Manuel, se creou uma escola de pharmacia annexa ás de medicina com um curso theoretico pouco desinvolvido e que mesmo assim, desde 1836 até 1854, epoca em que o duque de Loulé, para sa

tisfazer ás necessidades publicas, creou uma classe de pharmaceuticos mais praticos do que theoreticos, poucos ou nenhuns as frequentaram. Que só admittia uma unica classe com um curso desinvoldido, desde que isto fôsse o complemento d'uma serie de medidas reformadoras no exercicio da profissão. Que crear-se uma unica classe com um curso desinvoldido, sem que primeiro se acabasse com as leis absolutas que regem a pharmacia; sem que o estado protegesse a industria pharmaceutica e os pharmaceuticos, da concorrência desleal que lhes é feita por outras entidades, seria uma medida altamente pernicioso e contraria aos bons principios.

Combateu vivamente a maneira como a sociedade tem procedido, no que respeita aos seus pedidos sobre instrução; umas vezes pedindo duas classes, outras vezes pedindo uma com curso desinvoldido, sem consultar todos os pharmaceuticos do paiz como era indispensavel para saber como havia de se dirigir.

Fez ainda outras reflexões terminando por apresentar uma nota em que se mostrava que em quasi todas as nações da Europa existiam duas classes de pharmaceuticos.

O sr. *Manuel Vicente de Jesus Abrantes* usou da palavra para responder simplesmente a algumas opiniões emitidas pelo sr. *Silva Machado*, com as quaes não concordava, e declarou que, sobre a conveniencia ou não conveniencia das duas classes não dava opinião por ser elle um dos pharmaceuticos chamados de primeira classe.

Em seguida encerrou-se a sessão ficando ainda a discussão pendente. Eram onze horas.—O segundo secretario, *Emilio Frago*.

SESSÃO DE 11 DE DEZEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. *Guimarães Drack*, 1.º vice-presidente

Pelas oito horas da noite foi aberta a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

A correspondencia teve o devido destino.

O sr. *Drack* propoz que se lançasse na acta um voto de congratulação por ter sido elevado a ministro o ex.^{mo} sr. Antonio Augusto de Aguiar, socio benemerito d'esta sociedade.—Foi approved unanimemente.

Ordem da noite

Continuação da discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha

Fallou em primeiro logar o sr. Sisenando Marques que apresentou varios argumentos em favor d'uma unica classe de pharmaceuticos.

O socio *Fragoso* tornou a fallar terminando por apresentar a seguinte proposta:

«Proponho o adiamento da discussão, até se conhecer qual a opinião dos pharmaceuticos do paiz sôbre o assumpto, o que facilmente se pode fazer, sendo consultados por meio de uma circular que lhes pode ser dirigida pelo primeiro secretario d'esta sociedade.—O socio effectivo, *Emilio Fragoso*.»

Foi admittida á discussão e ficou ainda pendente a proposta do sr. Fernandes da Cunha, para ser posta á votação na proxima sessão, tendo previamente feito breves reflexões o sr. Gameiro a favor das duas classes.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram dez horas.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

SAUDE PUBLICA

Cura da hydrophobia pelo curare

Pelo sr. dr. Offenberg

Uma camponeza de Westephalia, de 24 annos de idade, foi mordida por um cão reconhecido com os symptomas de hydrophobia; a ferida foi cauterisada com ammonia e, onze

semanas depois do accidente, quando estava quasi cicatrizada, appareceram os ditos symptomas rabicos.

Segundo a descripção feita pelo sr. dr. Offenberg, não houve a menor duvida sôbre a natureza da doença.

A morphina e o chloroformio fôram administrados inutilmente; o professor injectou 10 centigrammas de curare em soluto a 5 0/0, em sete injectões empregadas no espaço de quatro horas; depois d'este espaço de tempo as contracções diminuíram progressivamente, sendo ainda indispensavel novas injectões de 3 centigrammas, passadas trinta horas, para combater um novo accesso que desappareceu. Ao terceiro dia a cura era completa.

(Archiv für Wissenschaft, und prakt. Thierh.)

Pesquisa do acido picrico na cerveja

Pelo sr. Christel

Evaporam-se 200^{cc} de cerveja, no banho de agua, até á consistencia de xarope; deita-se o residuo xaroposo n'um balão; ajunta-se 50^{cc} de alcool (a 90 por 100); deixa-se de parte por vinte e quatro horas, agitando-se frequentemente; filtra-se e trata-se o restante por 30^{cc} de alcool; reuna os liquidos alcoolizados e evaporam-se até á consistencia de xarope; o residuo é adicionado de 4 a 5 gotas de acido sulfurico diluido (acido 1, agua 3), e collocado em tubo d'ensaio com rôlha de cortiça; depois, tratado por 5 ou 6 volumes de ether, é agitado e, decantado o ether, será repetido o tratamento com o ether adicionado de 2 ou 3 gotas de acido sulfurico diluido.

Evaporam-se os liquidos ethereos e trata-se o residuo pela agua distillada, 5 a 10^{cc}, filtra-se e neutralisa-se com ammonia. N'este soluto procura-se o acido picrico pelos meios conhecidos; o reactivo muito sensivel é o cyaneto de potassio. Como exemplo: 20 centigrammas de assucar em pó contém um centesimo de milligramma de acido picrico

e aos quaes se ajunta uma gôta de soluto de cyaneto de potassio, dando coloração rosa-vermelha.

(*Chwiker Zeitung.*)

Pesquisa do assucar pelo acido picrico

Pelo sr. G. Johnson

Misturando-se volumes eguaes de lixivia de potassa e de soluto saturado de acido picrico, forma preecipitado de picrato de potassa; pela acção do calor resulta um liquido transparente corado em vermelho-alaranjado. Se, a este liquido, juntar pequena quantidade de glucosa, a coloração passa a vermelho-purpura, depois a negro; o assucar de canna não exerce nenhuma influencia e invertido, pelo acido chlorhydrico, dá esta reacção.

Um simples soluto de picrato de potassa crystallisado não produz os mesmos resultados; a presença de um alcali caustico em excesso é necessaria.

Pode-se tambem descobrir a presença da glucosa no soluto contendo 4,50 grammas para 40,000 partes de liquido.

(*Archiv der Pharmacie.*)

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 37)

Dialypetalae

DISCANTHAE

Umbelliferae. Juss.

*Sanicula*¹ *europaea*. L.

¹ Esta planta era uma das que os antigos mais consideravam pelos seus effeitos therapeuticos; e por isso Tournefort lhe poz o nome generico de *Sanicula* que é derivado de *sano curar*; allusão ás suas propriedades medicinaes.

Sanicula vulgar.
Hab. nas serras do Gerez, Rebordão, Bussaco, da Estrella, da Louzã; nos montes de Castello-Viegas, proximo a Coimbra e em outros pontos ao norte do paiz.

Flor. em junho.

P. u. toda a planta.

Emp. como detersiva e ligeiramente adstringente. Faz parte das especies vulnerarias.

Eryngium latifolium. Hffsg. et Lk.

(*E. campestre* L. β . *latifolium* Lam.)

Cardo corredor ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em diferentes pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretico e tonico. Tambem se tem empregado como aphrodisiaeo. Pouco usado.

Eryngium campestre. L.

Hab. na Regua e em outros sitios da nossa provincia do Douro.

Flor. em junho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Eryngium maritimum. L.

Cardo corredor maritimo.

Hab. na Figueira da Foz, Buarcos, Lisboa, Praia das Mações e em muitos outros pontos da nossa costa.

Flor. de maio a julho.

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente, porém os seus efeitos são muito mais activos. ¹ Pouco usado.

Apium graveolens. L.

Aipo.

¹ Os usos pharmaceuticos d'estas tres especies do *Eryngium* são os mesmos; mas na França e Allemanha usam da segunda; na Inglaterra e Paizes Baixos da terceira.

Hab. na Costa da Trafaria, Cascaes, Serra da Arrabida, Buarcos, Antanhol proximo a Coimbra e em outros pontos do paiz. Cultiva-se muito nas hortas a variedade *hortense*. (A. graveolens. L. var. dulce. D. C.) para os usos culinarios.

Flor. de junho a agosto.

P. u. a raiz e os mericarpos ou akenios ¹.

Emp. como diuretico e excitante. A raiz faz parte das cinco raizes *aperientes*; as sementes são aromaticas e fazem parte das quatro *sementes quentes* ².

Petroselinum sativum. Hffm. ³

(P. hortense. Rchb.; Apium. Petroselinum. L.)

Salsa.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada em quasi todas as hortas do nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz, os mericarpos ou akenios e as folhas.

Emp. a raiz entra no numero das cinco raizes *aperientes*, os akenios são carminativos e reduzidos a pó, passam por ser um bom insecticida; as folhas applicam-se exteriormente nos córtes e picadas de insectos como resolventes. O succo das folhas é aconselhado contra a blenorragia. O extracto do mesmo succo é empregado em Allemanha contra as febres intermitentes ⁴.

Ammi majus. L.

Ammio maior ou vulgar.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã, Buarcos, Lisboa, Montargil, Faro e em outros pontos das nossas provincias da Extremadura e Beira.

Flor. no estio.

¹ Vulgarmente chamado sementes.

² Não se lhe substitua, sem indicação especial, o Aipo hortense. (*Pharmacopéa Portugueza*, 1876.)

³ Variedade β . *crispum*. D. C.

⁴ Dos Akenios obtem-se um principio immediato, chamado *Apiol*, aconselhado contra as febre intermitentes e contra a amenorrhea (Chernoviz). Nas visinhanças de Lisboa o povo emprega muito o xarope das folhas da salsa para combater a *Coqueluche*.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estomachicos e carminativos. Pouco usado ¹.

Pimpinella anisum. L.

Herva doce.

Planta originaria do Oriente e muito cultivada ao sul do paiz.

Flor. no estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estimulante e carminativo.

Oenanthe phellandrium. Lam.

(*Phellandrium aquaticum*. L.)

Funcho d'agua, Cicutaria dos paües.

Hab. na margem esquerda do Tejo e nas nossas provincias do Douro e Minho. (Brot.)

Flor. em julho e agostó.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como narcoticos e diureticos. A infusão e o xarope das sementes d'esta planta usa-se muito nas affecções broncho-pulmonares.

Oenanthe apifolia. Brot. ²

(*O. crocata*. L.)

Embude.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Aveiro, Lisboa, Setubal, Cintra e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Beira e Extremadura.

Flor. de março a junho.

P. u. a raiz.

Emp. como diuretico e litonriptico. Pouco usado.

Oenanthe fistulosa. L.

Hab. nas visinhanças de Lisboa, Coimbra, Foja, Ouren- tam, Aveiro, Oliveira do Bairro e em outros pontos do paiz.

Flor. em junho e julho.

¹ Póde se substituir pelo *Ammi Visnaga*. Lam. (*Daucus. Visnaga*. L.) Bis- naga das searas da Paliteira, planta da nossa flora.

² Variedades: * *oligactis*. Lge; ** *macrosciadia* (*O. macrosciadia*). Wk.)

P. u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Foeniculum officinale. All.

(F. vulgare. Gaertn., Anethum Foeniculum. L.)

Funcho ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Vinhaes, Lisboa, Cascaes e em quasi todo o reino.

Flor. no estio.

P. u. a raiz, os mericarpos ou akenios, e as folhas.

Emp. a raiz é uma das cinco raizes aperientes; os akenios são estimulantes, carminativos e usados em todos os casos de flatulencia; e as folhas são empregadas como condimento ¹.

Seseli tortuosum. L.

(Athamanta Turbith. Brot., A. ramosissima. Hffg. et Lk.)

Cominhos de Candia ou de Marselha.

Hab. nas visinhanças de Cintra, Collares, Peniche, Praia da Vieira, etc.

Flor. em junho e julho.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo. Pouco usado ².

Angelica silvestris. L. ³

Angelica silvestre.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Cintra e em outros pontos da Extremadura e Beira proximo ao Mondego.

Flor. em julho e agosto.

P. u. a raiz.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Funcho doce* — *Foeniculum dulce*. G. Bauh. — (Anethum dulce. D. C.), especie annual cultivada no continente. (*Pharmacopœa portugueza*, 1876.)

² Póde substituir-se-lhe o *Ptychotis ammoides*. Koch. (*Seseli ammoides*. L. S. pusillum. Brot.) *Seseli* pequeno. Planta que habita nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos das nossas provincias da Beira e Extremadura.

³ Variedades: β . villosa (A. villosa. Lag); γ . elatior. Wahlenb; (A. montana. Gaud.)

Emp. como estimulante, antispasmodica e carminativa.
Pouco usada. ⁴

Peucedanum officinale. L. ²

Brinça. Funcho de porco.

Hab. proximo á Regoa, Porto e em outros pontos das
nossas provincias do Douro, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. os mericarpos ou akenios e a raiz.

Emp. como carminativa. Pouco usada.

Peucedanum lancifolium. Leg.

(*Siler lancifolium*. Hffe. et Lk. (non Moench.) *Selinum*
peucedanoides. Brot. phyt. Lusit. (non Desf.) *Laserpitium*
peucedanoides. Brot. fl. lusit. (non L.)

Pyretro da Beira, Bruco do Alemtejo.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Foja, Lavos, na serra
da Louzã, Arrentella, Amora e em outros pontos das nos-
sas provincias do Douro, Beira, Extremadura e Alemtejo.

Flor. no estio e outomno.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. a raiz como revulsiva debaixo da forma de emplas-
to, as folhas como diureticas. O povo usa do pó do Pyretro
para sustar as hemorrhagias abundantes consecutivas á ap-
plicação das sanguesugas. ³ Pouco usado.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos.

¹ A Angelica que geralmente se emprega na pharmacia é a A. Archangelica.
L. (*Archangelica officinalis*. Hoffm.) planta oriunda da Europa septentrional.

² Variedade. β . *italicum*. Mill.

³ «O dr. Brotero no *Catalogo das plantas pharmaceuticas portuguezas*, que
quiz ter a bondade de me remetter, diz que os raminhos, folhas e flores seccas
do Pyretro da Beira se usam em infusão em Lisboa contra os calculos dos rins
e da hexiga, os quaes fazem expellir, e acalmam as dôres produzidas por elles.»
(*Flora Pharm.* do dr. J. J. de Figueiredo.)

(Continúa)

(*Instituto de Coimbra.*)

FORMULARIO

**Pilulas anti-catarrhaes de alcatrão
compostas**

(Vigier)

Alcatrão purificado	10 centig.
Benjoim de Siam	10 »
Pós de Dower	10 »

F. s. a. uma pilula. Para tomar tres por dia nos intervallos das refeições.

N'estas pilulas encontra-se o alcatrão no estado de liberdade, ao passo que nas usuaes existe combinado. Misturando n'um gral as tres substancias, obtem-se immediatamente massa pilular de boa consistencia. O alcatrão contém acidos acetico, phenico, phtalico, creosota, etc., que se combinam com a magnesia, que é preciso ajuntar-lhe, quando se quer convertel-o em pilulas. Esta difficuldade de preparação tem sido uma das causas do successo das capsulas de alcatrão. A formula acima indicada tem, porém, sôbre as capsulas as vantagens seguintes:

1.º As pilulas podem ser preparadas em todas as phar-macias, o que não acontece com as capsulas;

2.º Nas pilulas está o alcatrão dividido, em contrario do que se dá com as capsulas, que por isso lhe são inferiores relativamente á sua acção estomago;

3.º O pó de Dower é um excipiente apropriado.
Gazette hebdomadaire).

S. M.

Acido borico contra a blennorrhagia

(Ikeltou-Hill)

Acido borico	2 gram.
Agua distillada	120 »

Solva. Para injeccões. A blennorrhagia tem sido curada em quatro ou seis dias.

Agua dentifricia

Essencia de hortelã pimenta	5 a 10 gôtas
Alcool de vinho	100 gram.
Chloroformio	até 10 »

M. s. a. Applica-se nas hemorragias consecutivas da extracção dos dentes. Tem-se obtido com este preparado grandes vantagens, não só como desinfectante, mas como fortificante nas diferentes formas da necrosa dos dentes e das gengivas, e da hyperesthesia dentaria.

(*Art. dentaire.*)

Desinfecção do suor dos pés

1.º *Soluto de choral ao centesimo.* Applica-se em lavagens, de manhã e á noite, envolvendo os pés com um panno embebido.

2.º Na armada allemã usa-se regularmente do pó seguinte:

Acido salicylico	3 gram.
Amido	19 »
Talco	87 »

M. s. a.

(*Journ. de Pharm.*)

Glycerina aromatica

da Ordem dos Farmacêuticos

(Jaccoud)

Glycerina	40 gram.
Rhum ou cognac	10 »
Essencia de hortelã pimenta	1 gôta

F. s. a. Deve-se empregar como excitante das funcções digestivas, durante o periodo não febril da *tysica commum*, quando o oleo de figado de bacalhau deixa de ser tolerado. Dá-se a glycerina aromatica em duas ou tres doses, durante o dia, tanto fora da refeição como durante esta.

Injecção de brometo de potassio

(Mauriac)

Agua distillada.....	150 gram.
Glycerina.....	10 »
Brometo de potassio.....	6 »
Laudano de Rousseau.....	2 »

F. s. a. Para quatro injecções, nas vinte e quatro horas, e recommenda-se que a ultima injecção seja feita ao deitar. Cada injecção será conservada no canal durante um ou dois minutos.

Injecção hypodermica de bromhydrato de quinina

(Mac Auliffe)

Bromhydrato de quinina.....	1 gram.
Ether sulfurico.....	8 cent. cub.
Alcool rectificado.....	2 »

F. s. a. Este preparado não produz accidentes locais.

Injecção hypodermica de chlorhydrato de quinina

(Kobner)

Chlorhydrato de quinina.....	0,05 a 1 gram.
Glycerina.....	2 »
Agua distillada.....	2 »

F. s. a. Para quatro injecções. O auctor considera o chlorhydrato de quinina o sal mais conveniente, tanto pela sua grande solubilidade como pela riqueza em alcaloide muito superior á do sulfato de quinina. Kobner tem obtido excellentes resultados, nos casos de neuralgias intermitentes, ou de outras affecções sujeitas da quinina pelas injecções de 12 a 15 centigrammas de chlorhydrato de quinina.

Injecção vesical de acido borico

(Guyon)

Acido borico..... 40 gram.

Agua distillada..... 1000 »

F. s. a. Emprega-se tepido.

Pilulas de acido phenico contra a septicemia puerperal

(Siredey)

Acido phenico..... 10 centigram.

Gomma arabica em pó.....)

Raiz d'alcaçus em pó.....) aa q. b.

Sabão medicinal.....)

F. s. a. uma pilula. Pode-se ajuntar sulfato de quinina a o acido phenico, que formam uma especie de mel e constituem d'este modo muito facilmente pilulas; completa-se então este preparado com um pó inerte.

Pilulas balsamicas

(V. Audhouñ)

Extracto de quina amarella..... 10 gram.

Extracto de cicuta..... 1 »

Tinctura balsamica..... 50 gotas

Raiz de althéa em pó..... q. b.

F. s. a. Estas pilulas são administradas na tísica pulmonar simples.

Pomada contra a vaginita

(Terrillon)

Vaselina..... 150 gram.

Amido..... 150 »

Tannino..... 50 »

F. s. a.

Suppositorios contra o vulvismo

(Martineau)

Manteiga de cacau	20 gram.
Iodoformio.....	10 »
Essencia de rosas.....	2 gôtas

F. s. a. seis suppositorios.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES**A GEOLOGIA**

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 38)

IV

Os gregos alcançaram dos egypcios as primeiras noções cosmographicas. Herodoto, Thules de Milet, Zenon e Heraclito, Empedocle de Agrigente, etc., admittidos no santuario do templo d'Osiris, fôram iniciados n'uma parte dos mysterios, em que estavam incluídos os conhecimentos de então e as theorias da formação do globo terrestre. A cosmographia passou das escolas gregas para os principaes povos da Europa; mas em lugar de observarem a natureza para avaliar a exactidão das theorias egypcias, relativas á formação da terra, os gregos as tinham commentado e alterado a capricho de sua imaginação; geralmente se discutia a natureza e formação do globo, sem noção alguma exacta da constituição physica e dos numerosos phenomenos que se passam na superficie da terra; theorias contradictorias se succederam rapidamente, e o ridiculo tornou-se depressa o apanagio de todos os geologos. Ovidio nos transmittiu a theoria de Pythagoras, relativamente á destruição e reedificação da terra; facilmente se comprehende, que é incomparavelmente mais philosophica, que qualquer

outra versão, conhecida pelas cosmogonias, nascidas entre as seitas orientaes ou egypcias. A terra firme se converteu em mar; o mar se converteu em terra; conchas marinhas jazem longe do oceano, e a ancora deixou vestigios no cimo das colinas. Valles fôram abertos pelas correntes impetuosas, e inundações varreram as montanhas, impellido-as até ao fundo do mar. Os pantanos substituiram os terrenos sêccos e os terrenos sêccos tambem se transformaram em terrenos pantanosos. Então os tremores de terra abalaram a terra, muitas fontes seccaram e outras reben-taram do seio da terra; as ribeiras abandonaram seus leit-os, tomando diversas direcções; as aguas doces, de alguns rios, tornaram-se salgadas.

A formação de certas d'ellas e depositos novos, deu lugar á reunião de algumas ilhas ao continente. Porções de terra se destacaram dos continentes, formando ilhas.

Alguns paizes têm sido submergidos pelos tremores de terra. Ha fontes de que a temperatura varia em differen-tes epocas; ha outras de que as aguas são inflammaveis; certas correntes têm o poder de petrificar, convertendo em marmore os corpos que tocam. As aberturas vulcani-cas não conservam sempre a mesma posição; ou porque, devido ás convulsões do globo, certas cavernas se fecham, outras se entreabrem, ou porque as materias combustiveis, que alimentam a combustão, se tenham extinguido etc., etc. Tal é a theoria de Pythagoras; ella constitue um pro-gresso sensivel e real em todas as cosmogonias preceden-tes.

V

Aristoteles, o iniciador das sciencias de observação, accumulando em si uma verdadeira encyclopedia de co-nhecimentos humanos, creou a geologia, positiva. Em sua meteorologia, elle trata especialmente de algumas questões geologicas, adopta mais desinvolvidamente as theorias de Pythagoras; mas sua geologia, toda positivista, não adianta muito mais que a de Pythagoras. A acção das aguas é por

elle admittida exactamente, sendo mais preciso e mais exacto na theoria dos tremores de terra e dos vulcões, porque em lugar dos ventos interiores, elle admite que a acção das aguas e do fogo, pôde produzir os phenomenos, que mais tarde se chamaram vulcanicos.

O historiador Herodoto e o geographo Erathosthene de Alexandria fallam de conchas em espiral, cascas d'ostras e de outros moluscos esparsos pelo solo do Egypto e até nas montanhas, nos arredores do templo de Jupiter Amon, pretendendo assim provar a existencia de um lago, analogo ao mar vermelho e que provavelmente foi entulhado pelos nateiros do Nilo.

Strabão, finalmente, que floresceu 60 annos antes de Christo, ensinava que o fogo interior, incessantemente activo no seio da terra, operava por phenomenos inherentes e consecutivos, a formação de novas ilhas, submergindo outras e até partes do globo.

Plinio não professava opiniões theoricas propriamente suas, com relação á alteração da superficie da terra.

N'este assumpto, como em todos, elle representa o simples papel de compilador, não se dando ao trabalho de discutir os factos, nem de os citar pela sua ordem; todavia, a relação das ilhas novas, formadas no Mediterraneo, que nos legou; assim como a descripção de algumas outras revoluções naturaes, mostram que os antigos souberam observar as alterações, que se produziram na superficie do globo em epochas longinquas.

da Ordem dos Farmacêuticos

VI

Seculos decorreram, permanecendo apathico o cultivo das sciencias.

Decaido o imperio romano, as sciencias phisicas fôram cultivadas com successo pelos arabes, cêrca do oitavo seculo da nossa era. Um sabio arabe do decimo seculo, Omar Aalem escreveu uma obra sôbre o movimento retrogrado do mar; mas a decadencia dos arabes arrastou no seu turbilhão a florescia das artes e das sciencias da epocha.

Apenas no começo do seculo xv os phenomenos geologicos atrairam a attenção das nações christãs. A Italia, tão rica em fosseis e tão favoravel ás explorações d'este genero, estava fadada novamente para theatro do renascimento das sciencias.

Nas excavações feitas em Verona, em 1517, se encontraram innumeraveis petrificações curiosas, que produziram estudos de diversos auctores: Frascatoro, festejado sabio da epoca, declarou que, na sua opinião, as conchas fosseis encontradas, tinham, pertencido a viventes, que habitaram, e se multiplicaram no proprio local, onde jazem os seus despojos. Demonstrou quanto era absurdo, para explicar a origem d'estes fosseis, recorrer a uma certa *fôrça plastica*, dotada, segundo se dizia, com o poder de produzir, nas pedras, formas organicas.

O interesse pela geologia se transmittiu da Italia á França e á Allemanha, e firmando-se nos estudos dos phenomenos de Italia, Danois, Niels, Steensen, geralmente conhecido pelo nome de Nicolas Stenon, creou sua celebre theoria, que Elias de Reaumont transmittiu á Europa. Nicolas Stenon sustentou que a casca do globo se compunha de camadas parallelas e superpostas, formadas pelo mar, lagos ou rios etc.; que os tremores de terra e as erupções vulcanicas tinham produzido as montanhas e os valles, destruindo essas camadas. Em 1580, Rernard Palyssy tentou combater a idéa geralmente admittida, relativamente ás conchas fosseis, que se suppunha, serem todas, sem excepção, depositadas pelo diluvio; foi o primeiro que sustentou em Paris, que os restos fosseis dos testaceos e peixes tinham antigamente pertencido a animaes marinhos.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Glycerina como vomitiva

O sr. Smith annuncia, no *British Medical Journal*, que a glycerina possui a propriedade vomitiva simples e rapida nas creanças, na dose de meia colher das de chá.

J. D. CORRÊA.

BIBLIOGRAPHIA
 —
 CHIMICA PHARMACEUTICA
 —
 ELUCIDARIO

AOS

ENSAIOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAES

RECOMMENDADOS NA PHARMACOPÉA PORTUGUEZA

ELABORADO

Por Alfredo da Silva Machado

Pharmaceutico pela universidade de Coimbra,
 chefe do serviço pharmaceutico do hospital Estephania,
 approved com louvor no curso de chimica applicada ás artes do instituto industrial de Lisboa
 e membro honorario da sociedade pharmaceutica lusitana

Preço 400 réis

Este livro, que é de grande utilidade para todos os individuos que exercem a pharmacia, remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia em vale do correio ou estampilhas ao auctor, pharmacia do hospital Estephania.

Foi publicado este importante e valioso trabalho; já tive occasião de o lér com todo o interesse, e a impressão que me produziu foi tão agradável, que me cumpre felicitar o nosso illustrado collega e consocio auctor d'esta publicação, não só pela somma de conhecimentos de pharmacia e de chimica que encerra, mas pelo methodo empregado.

É um bom auxiliar para o cumprimento do que se acha prescripto na pharmacopéa portugueza; é de grande utilidade para os praticantes de pharmacia, principalmente de segunda classe, os quaes, pelo dispòsto no art. 136.º do decreto, com força de lei, de 29 de dezembro de 1836, estão sujeitos a responderem ás doutrinas chemicas em que fõrem vagamente interrogados pelo respectivo jury de exames: tornando-se o nosso distincto collega e consocio, ex.^{mo} sr. Alfredo da Silva Machado, digno de todo o louvor, pelo serviço prestado á sciencia e á classe pharmaceutica na publicação do seu *Elucidario*.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 18 DE DEZEMBRO DE 1883

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Abriu-se a sessão ás oito horas da noite.

Feita a leitura da acta da sessão antecedente, foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* deu conta dos seguintes officios:

1.º Do sr. Silverio Mendes Marques Couceiro, em que participa que envia uns productos naturaes de Bissau. — Fôram recebidos com especial agrado e mandaram-se enviar á Comissão de Historia Natural para os classificar.

2.º Do sr. José Ferreira dos Santos, sôbre assumpto da thesouraria, e em que pedia a sua demissão de socio por ter deixado de exercer a profissão.

3.º Do sr. Satyro, sôbre exercicio profissional. — Resolveu-se que se lhe officiasse a pedir alguns documentos.

O sr. *presidente* declarou que fôra, em companhia do sr.

1.º vice-presidente, comprimentar o nosso consocio ex.^{mo} sr. Aguiar, em nome da sociedade, e pedir-lhe a sua valiosa cooperação para sermos attendidos nos diversos pedidos que se têm feito aos governos. Que o sr. Aguiar agradecera as attentões da sociedade, que muito considerava e prometteu a sua coadjuvação.

Ordem da noite

Continuação da discussão da proposta do sr. Fernandes da Cunha

O sr. *presidente* declarou que, estando esgotada a inscrição, se ia passar ás votações das differentes propostas.

Foi posta em primeiro logar a do sr. Cunha, que foi regeitada por maioria.

O socio *Fragoso* declarou que, em vista da votação ser contraria á proposta do sr. Cunha que elle combateu, pedia para retirar a sua proposta.—Concedido.

A proposta do sr. Machado não soffreu votação por não estar presente o seu auctor, a quem varios socios desejavam pedir alguns esclarecimentos.

Em seguida entrou em discussão, na generalidade, um parecer da commissão de pharmacia sôbre varios quesitos. É o seguinte:

«A commissão de pharmacia tendo sido encarregada de informar ácerca da consulta do socio o sr. Antonio Taborda, de Mora, que desejava saber se podia addicionar, ao preço dos medicamentos, mais uma quinta parte do seu valor, visto estar afastado de qualquer pôrto de mar: tem a declarar que julga antes da competencia da commissão de direito pharmaceutico, do que da sua a resposta a esta pergunta; com tudo parece-lhe que não erra affirmando que a lei, que autorisava esse augmento, está de ha muito revogada.

A respeito do quesito do socio o sr. Pedro Fernandes da Cunha, de Lisboa, ácerca dos phenomenos chimicos, que possam dar-se quando se dissolve o sulfato de strychnina no soluto de pyro-phosphato de ferro e soda, a commissão declara a sua incompetencia para resolver tal questão.

Por ultimo temos de dar uns esclarecimentos pedidos pelo socio o sr. Joaquim d'Oliveira, de Agueda. Em primeiro lugar pergunta este senhor se o emplastro d'iodeto de potassio deve ou não ser preparado na occasião do emprego?

A pharmacopêa não se refere a este preparado e o codigo, assim como alguns bons formularios, recommendam que se prepare na occasião do emprego. A commissão tambem assim o entende, tanto mais que este emplastro é de facil e prompta preparação.

A segunda pergunta é se a limalha de ferro pode ser substituida pelo ferro reduzido pelo hydrogenio?

A pharmacopêa manda que, quando não haja indicação especial, se empregue o ferro reduzido pelo hydrogenio.

Parece-nos isto muito explicito e muito bastante para resolver a duvida apresentada. Lisboa, 27 de novembro de 1883. — *Manuel Vicente de Jesus Abrantes*, director, *Pedro Fernandes da Cunha*, *José Gomes de Mattos*.»

O socio *Fragoso* disse que sentia não vêr presente o sr. *Abrantes*, presidente da commissão de pharmacia, e um dos signatarios do parecer, mas como estavam os srs. *Mattos* e *Cunha* dirigiu a estes cavalheiros as seguintes perguntas, a que se dignariam responder para assim poder entrar na discussão:

«1.ª Qual a razão que levou a commissão a advogar a opinião emitida no codigo pharmaceutico lusitano, em que diz que o emplastro d'iodeto de potassio deve ser preparado extemporaneamente?»

«2.ª Qual o motivo porque a commissão se inclinou á opinião da pharmacopéa que diz que pode substituir-se o ferro em limalha pelo ferro reduzido pelo hydrogenio?»

Não se achando fundamentada no parecer as opiniões da commissão desejava que algum dos seus membros o fizesse.

Respondeu o sr. *Mattos* e *Cunha* replicando o socio *Fragoso*, sendo approvedo o parecer na generalidade.

Estando a hora adiantada encerrou-se a sessão. Eram onze horas. — O 2.º secretario, *Emilio Fragoso*.

Centro de Documentação Farmacêutica

SESSÃO DE 29 DE DEZEMBRO DE 1883

da Ordem dos Farmacêuticos

Presidência do sr. commendador *José Tedeschi*

Abertura da sessão ás oito horas da noite.

Foi lida e approveda a acta da sessão antecedente.

O sr. 1.º secretario deu conta da correspondencia.

Receberam-se os seguintes jornaes:

Coimbra Medica, de Coimbra; *L'Union Pharmaceutique e Journal de Pharmacie et de Chimie*, de Paris; *Boletim de Pharmacia*, do Porto; *El Monitor de La Salud*, de Barcelona; *Gazeta de Pharmacia*, de Lisboa.

Ordem da noite

Continuação da discussão do parecer da commissão de pharmacia sôbre uns quesitos apresentados por varios socios correspondentes.

1.º *Quesito*: Offerecendo-se ao meu espirito a duvida se deve sommar qualquer formula pharmaceutica mettendo-lhe mais a 5.ª parte como é expresso na legislação, que diz: «que os pharmaceuticos que ficam a distancia dos portos de mar são obrigados a levar mais a 5.ª parte do preço marcado no regimento» consulto a sociedade sôbre este ponto.

A resposta da commissão foi que lhe «parecia que a lei estava de ha muito revogada».

Fallaram contra a opinião da commissão o sr. Oliveira Abreu, Sesinando Marques e o sr. presidente, e a favor o socio Fragoso.

Pôsto á votação foi o parecer regeitado, ficando o sr. 1.º secretario encarregado de mandar dizer ao socio consultante que a lei não estava revogada, mas que a opinião da sociedade era que ella não revivesse para não dar logar a conflictos.

2.º *Quesito*: O sr. Cunha perguntou «quaes os phenomenos chimicos que se dão no soluto de pyrophosphato de ferro e soda, tendo em solução o sulfato de estrychnina?» A pergunta do sr. Cunha é baseada no facto d'este soluto apresentar, ao principio, um amargo pronunciadissimo proprio da estrychnina, mas que passado algum tempo tal amargo é destruido.

A commissão julgou-se incompetente para dar opinião, visto haver na sociedade uma commissão especial e de chimica, a quem compete resolver taes assumptos.

Deliberou-se envia-lo á commissão de chimica.

3.º *Quesito*: O socio sr. Joaquim d'Oliveira perguntava se o emplastro d'iodeto de potassio devia ser preparado na occasião do emprego.

A commissão respondeu que, visto a pharmacopêa não

se referir a este preparado e o código pharmaceutico e mais alguns bons formularios recommendarem que se fizesse na occasião do emprego, ella tambem assim o entendia e tanto mais que o referido emplastro era de prompta e facil preparação.

O socio *Fragoso* insistiu em que a commissão devia fundamentar uma opinião e não limitar-se a citar quaesquer livros por muita auctoridade que tenham.

Que o socio consultante não desejava saber o que dizia o código ou quaesquer formularios, porque para isso não precisava vir á sociedade. Que a idéa d'elle era evidentemente adquirir uma opinião fundamentada, para elle a submeter ao seu juizo critico.

Fez ainda outras considerações terminando por declarar que regeitava o parecer.

O sr. 1.^o secretario declarou que, como signatario do parecer e em vista do ataque energico que elle soffrera por parte do socio *Fragoso*, lhe cumpria usar da palavra para o defender. Entrando no assumpto disse que a sociedade não era uma escola de pharmacia, que servisse para explicar a sciencia pharmaceutica. Que a commissão dizendo que o emplastro devia ser preparado na occasião do emprego era o sufficiente.

Que bastava vêr a natureza do preparado, em que entrava o iodeto de potassio, para se saber que deve ser feito na occasião em que se peca.

Sendo posto á votação o parecer foi approved por maioria.

4.^o Quesito: O sr. Joaquim d'Oliveira perguntava se a limalha de ferro podia ser substituida pelo ferro reduzido pelo hydrogenio?

A commissão conformando-se com a opinião da pharmacopéa, que é explicita sôbre o caso, declarou que esta era sufficiente para resolver a duvida.

Pôsto á discussão fallaram os socios *Fragoso* e *Cunha*, sendo em seguida approved o parecer.

O socio *Fragoso* apresentou, para servir de base á discussão na sessão immediata, o seguinte quesito:

«O regimento dos preços actual attende aos legitimos interesses do pharmaceutico ou é susceptivel de n'elle se introduzirem algumas modificações importantes?»—Foi admittido.

Eram onze horas encerrou-se a sessão.—O segundo secretario, *Emilio Fragoso*.

CHIMICA

Doseamento rapido do opio

Pelos srs. Portes e Langlois

- 1.º Tirar do centro da amostra 7 grammas de opio;
- 2.º Pesar 3 grammas de cal extincta;
- 3.º Medir 70 centimetros cubicos de agua distillada, triturar com todo o cuidado o opio e a cal, ajuntando-lhe o liquido em pequenas porções e deixar em contacto durante meia hora, agitando-se repetidas vezes;
- 4.º Deitar tudo sobre um filtro e collôr 53 centimetros cubicos do liquido em pequeno copo munido de tampa;
- 5.º Ajuntar ao liquido 10 centimetros cubicos de ether e agitar;
- 6.º Solver n'este liquido 3 grammas de chlorhydrato de ammonia em pó, mexer para auxiliar a solução e deixar em repouso por espaço de duas horas;
- 7.º Decantar o ether, substituil-o por outra quantidade, agitar e decantar novamente;
- 8.º Recolher o precipitado de morphina, sobre um filtro sem pregas, de 10 centimetros de diametro, e lavar o precipitado e o vaso com alguns centimetros cubicos de agua distillada fria;
- 9.º Fazer cair o precipitado por meio de pequena porção de agua distillada (50 centimetros cubicos pouco mais ou menos), no vaso que serviu á precipitação;
- 10.º Adicionar 5 centimetros cubicos de soluto de acido

sulfurico contendo 16^{gr},17 de acido (SO³HO) para 1000 centimetros cubicos de agua distillada (cada centimetro cubico d'este liquido corresponde a 1 decigramma de morphina), e 4 gôtas de tinctura de tornasol perfeitamente neutralisada. Se o liquido se tornar vermelho, o opio não contém mais que 10 por 100 de morphina; se adquirir coloração azul tem mais que a gradação normal;

11.º Para se certificar da falta ou do excesso de morphina é sufficiente: (17)

Se o opio é muito fraco, deitar gôta a gôta, com buretta alcalimetrica, um soluto alcalino (agua de baryta preparada com hydrato crystallizado), neutralisando-se exactamente o seu volume de acido acima dito;

Se, pelo contrario, o opio contém excesso de morphina, empregar o liquido acido.

Nos dois casos o numero de divisões, multiplicado por 20, indica por 100 a falta ou o excesso do alcaloide.

O sr. Guichard, que tem estudado este processo, certifica que produz excellentes resultados.

A decantação do ether não é sempre muito facil e o sr. Guichard recommenda deitar tudo sobre um filtro e quando o liquido esteja filtrado, é bastante deital-o no funil para separar o ether.

Acido phenico

O sr. Meyke, de Varsovia, conseguiu conhecer as causas da coloração vermelha que apresentam, muitas vezes, os phenoes do commercio. Depois de uma serie de experiencias, conclue o seguinte:

1.º Não se pode considerar acido phenico puro senão o que estiver completamente incolor.

2.º Que a coloração vermelha é devida aos recipientes de vidro, nos quaes o mesmo acido é conservado, e quando entra chumbo na composição do vidro.

J. D. CORRÊAS

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 51)

Anethum graveolens. L.

Endro ordinario ou maior.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Faro e outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como carminativo e excitante¹.

Pastinaca sativa. L.²

Cherivia.

Planta originaria de toda a Europa (Wk. et Lang.) e entre nós cultiva-se nas hortas a variedade α , com especialidade em Lisboa e Porto.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. como ligeiro aphrodisiaco. Pouco usado.

Cuminum cyminum. L.³

Cominho.

Planta originaria do Egypto e da Ethiopia, e entre nós cullivada nas hortas, principalmente nas nossas provincias do sul.

Flor. no estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Endro Menor* — *Ridolfia segetum* Moris (*Anethum segetum* L.), planta que habita nas visinhanças de Coimbra, Adorigo, Miranda do Corvo, Lisboa, Cabo de Espichel, Cezimbra, Montargil, etc.

² Variedades: α . *edulis*. D.C. (*P. sativa*. Mill.); β . *silvestris*. D.C. (*P. silvestris*. Mill)

³ Variedade *hispanicum*. (*C. hispanicum*. Mer.)

Emp. como carminativo, estomachico e excitante¹,

Thapsia villosa. L.²

Tapsia.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Berlengas, Lisboa, Setubal, Castello Branco e outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. em Hespanha é usado o cosimento, em banhos, para combater a sarna. Pouco usada.³

Daucus carota. L. var. *sativa*. D.C.

Cenoura.

Cultiva-se nas hortas.

Flor. no estio.

P. u. a raiz.

Emp. diuretico e debaixo da forma de cataplasma nas ulceras e molestias cutaneas. Pouco usada.

Margotia gummifera. Lge.

(*M. laserpitioides*. Boiss., *Laserpitium gummiferum*. Desf.

L. thapsiaeforme. Brot.)

Bruco fetido.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Buarecos, Bussaco, Regua, e ao sul do Tejo proximo a Almada, Alfeite e Caparica.

Flor. em junho e julho.

P. u. a raiz.

Emp. como revulsivo debaixo da forma de cataplasma. Pouco usado.

Conium maculatum. L.

¹ Em Allemanha deitam as sementes dos cominhos no pão, e na Hollanda no queijo.

² Variedades: α . *dissecta*. Boiss.; β . *latifolia* Boiss.

³ A *Thapsia* que se emprega actualmente em pharmacia é a *T. garganica*. L. planta que habita na Barbaria, cuja raiz dá uma resina muito irritante. Prepara-se com ella um emplasto que se applica na pelle e que produz um effeito revulsivo energico. Tambem tem sido aconselhada para substituir o oleo de *Croton tiglium*. Lam. para uso externo ou a pomada stibiada.

⁴ Variedade β . *lejocarpum*. Boiss.

Cicuta maior, é conhecida como estomachico.

Hab. em sitios humidos nas vizinhanças de Coimbra, Bussaco, Serra da Estrella, Foja, Pinhão, Vinhaes, Serra do Gerez, Villa Fernando, Lisboa e em quasi todo o paiz; mas não é frequente.

Flor. no estio.

P. u. as folhas e os mericarpos ou akenios.

Emp. como resolutiva e narcotica. É preciso ter a maxima cautela no seu emprego. Em alta dôse, occasiona uma especie de embriaguez, prostração geral, nauseas, lentidão do pulso, perturbações da vista, delirio furioso, convulsões, paralyisia e a morte¹.

Coriandrum sativum. L.

Coentro.

Planta originaria da Europa austro-oriental e da Asia temperada. Entre nós é muito cultivada nas hortas.

Flor. na primavera e estio.

P. u. os mericarpos ou akenios.

Emp. como estimulante e carminativo.

Araliaceae. Juss.

Hedera helix. L.

Hera ordinaria.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Lisboa, Porto, Bussaco, Faro e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no outomno.

P. u. as folhas verdes.

Emp. para collocar sôbre os fonticullos, e tambem se tem usado como antipsorica e sudorifica².

Ampelideae. Kunth.

Vitis vinifera. L.

Videira.

¹ Pela distillação das sementes da *Cicuta maior* obtem-se um alcaloide chamado *Cicutina*, *Conicina*, ou *Conina*.

² Por incisões no tronco da *Hera* obtem-se uma gomma-resina que se chama *Hederina* e que se tem empregado como emenagoga. Tambem se usa esta gomma-resina, debaixo da forma de pasta, para combater a carie dos dentes.

Planta originaria da Asia austral e, com pequenas excepções, cultiva-se em todo o paiz um grande numero de variedades.

Flor. na primavera.

P. u. as bagas ¹.

Emp. Poucas plantas fornecem á pharmacia um tão grande numero de medicamentos como a videira. Empregam-se as bagas seccas (passas de uva) em decoctos peitoraes; das uvas fabrica-se o vinho; d'este o alcool, o vinagre, o cremor de tartaro, etc.

Corneae. D. C.

Cornus sanguinea. L.

Sanguinho legitimo.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança e em outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. a casca.

Emp. como febrifuga. Pouco usado ².

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra).

Errata.—A pag. 37 do n.º 2, de fevereiro ultimo, onde se lê *Rhododendron ponticum, L.* deverá lêr-se *R. BAETICUM Boiss. et Reut.*

VARIEDADES

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 59)

VII

Foi especialmente na explicação do diluvio, que os sabios de primeira plana, se mostraram fecundos em hypo-

¹ Vulgarmente chamadas uvas.

² Lindley diz que os fructos d'esta planta contém grande quantidade de oleo, e que é bom como o azeite de oliveira.

theses inconcebíveis. Thomás Burnet, escriptor inglez, foi o primeiro que, em 1681, pretendeu estabelecer uma theoria completa, que parece ter sido inspirada no poema de Lucrecia, e que delineou d'accôrdo com os livros santos. Dizia elle: antes do diluvio, a superficie da terra era plana, sem montanhas, sem valles; todas as materias se depositavam no centro do globo, conforme a sua gravidade. A agua espargia-se por toda a parte; no entanto materias oleosas, mais ligeiras que a agua, formaram, pouco a pouco, uma ultima camada, que envolveu as aguas e todo o globo; n'esta camada extremamente fertil, viviam, n'uma primavera perenne, as gerações anti-diluvianas.

O diluvio alterou tudo; a crôsta solidificou-se e as aguas, subindo, forçaram este envoltorio ligeiro, ella estalou e desabou no abysmo das aguas. Sua queda fez mudar o eixo do globo e consequentemente a temperatura dos climas; as arestas erectas da crôsta formaram nossas montanhas. Esta opinião foi seguida e desinvolvida, com os novos absurdos por John Wood, professor em Cambridge, a quem não faltava erudição. Willam Whiston acreditava que o diluvio tinha sido produsido pelo encontro da terra com a cauda do cometa observado por elle em 1680.

Rayen (1693), Hook e Lazaro Moro (1740), admittiram, todos tres, que a fôrça vulcanica levantou a crôsta terrestre para formar as montanhas. Descartes e Leibnitz emittiram a opinião, que a terra era um sol extincto. Pretendia o primeiro que os diferentes elementos se dispozeram de maneira que o fogo occupou o centro, e a agua cubriu a superficie do globo. Elle attribuia, ao fogo central, os effeitos vulcanicos e a formação dos metaes. Leibnitz pretendia, pelo contrario, que a terra, depois de arrefecida, se transformara n'uma mole de granito, coberta de terra e areia, e cheia de fendas: que a atmosphaera, arrefecendo, se transformara em agua, que precipitando-se violentamente sôbre a terra, a tinha inundado; mas que a superficie do globo, fendendo-se em varios sitios, dera vazão ás aguas para o seu interior, e que os continentes e as ilhas se produziram

por continuas alterações d'esta ordem. Jacques Schenchzer, de Zurich, admittia que as aguas productoras do diluvio, tinham brotado dos reservatorios contidos no interior do globo, e que as montanhas eram produzidas por substancias pedregosas do globo; dispersas primeiro pelo diluvio, mas juntas depois por intervenção directa do poder divino, que tinha esboçado as montanhas, nos logares onde as pedras eram mais abundantes.

VIII

Buffon, na sua Historia Natural, publicada em 1749, expôz sua theoria da terra, fundada n'um certo numero de factos incontestaveis; a theoria de Buffon, com as provas annexas constitue a verdadeira base e o ponto de partida, hoje consideravelmente desinvolido, da geologia positiva, que a sã observação fará progredir. Mas a par de «*La Theorie de la Terre*» vem postar se na mesma fileira «*Les epouques de la Nature*», pensamento magnifico de um genio, que nada se esforça, para se recrear com a defesa de hypotheses as mais frivolas, imprimindo-lhe por sua auctoridade apparencias de verdade. Assim adoptou, ao mesmo tempo, a hypothese de um nucleo primitivo igneo, e a do oceano universal de Leibnitz. «As mais altas montanhas, diz elle, fôram outr'ora cobertas por este envoltorio aquoso; depois as correntes marinhas, exercendo uma accção assaz violenta, cavaram valles submarinhos profundos, e formaram camadas horisontaes, arrastando de certos logares as materias solidas, depondo-as n'outros sitios. Parte das aguas do oceano, sumindo-se pelo seu curso natural em cavernas subterraneas, produziu a depressão do seu nivel e, por fim, o esgôto das aguas pondo a terra a descoberto.»

Guettard foi o primeiro que iniciou, em 1746, as cartas geologicas destinadas a representar a natureza dos terrenos.

A terra foi dividida em tres camadas, constituindo a primeira o terreno sckistoso, correspondendo ás formações primitivas; a segunda o terreno marnoso, correspondendo

ao terreno secundario, e a camada arenosa ou formação terciaria.

A elle se devem os primeiros estudos da bacia de Paris. Pallas, contemporaneo de Buffon, deve ser como este considerado o progenitor da geologia positiva, e da anatomia paleontologica. A memoria sôbre a theoria das montanhas, de Pallas, modificou as idéas de Buffon em sua «*Theorie de la Terre*», e fez desapparecer varias hypotheses que se encontram nas «*Epoques de la Nature*».

As idéas de Pallas são mais consentaneas com as leis da natureza, pôsto que não sejam ainda isemptas de êrros.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Ensaio rapido do azeite

Cinco centímetros cubicos de azeite de superior qualidade e a mesma porção do oleo que se pretende ensaiar, serão aquecidos separadamente em tubos competentes até á temperatura de 250°.

Pela acção do calor o azeite puro torna-se um pouco mais claro que o falsificado que adquire a coloração mais carregada.

O cheiro do azeite puro é agradável, em quanto que o do falsificado pela addição de outros oleos é opposto.

Conservação das madeiras

O sr. Fayol, depois de dez annos de estudo e experiencias, apresentou as conclusões seguintes:

Tratamento com alcatrão.—(Carvalho) augmenta sensivelmente a sua duração, chegando algumas vezes a duplicar. (Pinheiro manso) é pouco o augmento de duração.

Tratamento com sulfato de ferro.—(Carvalho) 1.º as primeiras experiencias têm demonstrado que as madeiras, não preparadas, não duram mais que dois annos, emquanto que as sulfatisadas chegam a durar mais de trinta annos; 2.º as experiencias têm provado que a immersão de vinte e quatro horas em soluto de 200 grammas de sulfato de

ferro por litro produz tambem bons effeitos ; 3.º uma experiencia especial descobriu que, o tratamento com o sulfato, é tambem efficaz nas madeiras sêccas. (Pinheiro-manso) o sulfato de ferro decupla egualmente a sua duração.

Processo para reconhecer o linho e o algodão nos tecidos de seda

Segundo o sr. Boettger, a seda dissolve-se rapidamente, a quente, no soluto concentrado de chloreto de zinco ; este reagente não tem acção sôbre o linho e o algodão.

O chloreto de zinco dissolve tambem a lã ; convém pois certificar, depois da dissolução completa, se na seda não existe lã.

O emprêgo do microscopio dá os melhores resultados. Os fios de seda são constituídos por filamentos transparentes, os fios de lã têm a côr baça e exteriormente de aspecto escamoso.

Essencia e decocto de atanasia

O *Boston Medical and Surgical Journal* cita oito casos de envenenamento por estes dois productos empregados como abortivos, e chama a attenção sôbre a venda que d'elles têm tido frequentemente os droguistas americanos sôb pretextos diversos.

Acido chromico contra as verrugas

O sr. dr. W. Allen Jamieson diz que o melhor remedio contra as verrugas, é applicar-lhes uma gôta de soluto de acido chromico preparado em partes eguaes de agua distillada e deixar-se seccar. Em virtude d'isto e com uma camada de oleo, preserva-se a pelle em tôrno das mesmas verrugas ; os tecidos albuminosos são coagulados e endurecidos e, com a segunda applicação, as verrugas desaparecem.

J. D. CORRÊA.

BIBLIOGRAPHIA
 —
 CHIMICA PHARMACEUTICA
 ELUCIDARIO
 AOS
ENSAIOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAES

RECOMMENDADOS NA PHARMACOPÉA PORTUGUEZA

ELABORADO

Por **Alfredo da Silva Machado**

Pharmaceutico pela universidade de Coimbra,
 chefe do serviço pharmaceutico do hospital Estephania,
 aprovado com louvor no curso de chimica applicada ás artes do instituto industrial de Lisboa
 e membro honorario da sociedade pharmaceutica lusitana

Preço 400 réis

Este livro, que é de grande utilidade para todos os individuos que exercem a pharmacia, remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia em vale do correio ou estampilhas ao auctor, pharmacia do hospital Estephania.

**Apreciações feitas nos importantes jornaes scientificos
 abaixo mencionados**

**Boletim commercial-noticioso
 da Casa Pharmaceutica do Porto**

«Desde ha bastante tempo que desejavamos dar um segundo abraço de boa e leal fraternidade a um moço instruido e collega illustrado, como é o digno chefe do serviço pharmaceutico no hospital Estephania, o sr. Alfredo da Silva Machado, eis que, senão quando, uma visita inesperada nos veio augmentar e avivar esse desejo.

Silva Machado não veio ao Porto, como compromisso é seu, mas mandou-nos uma offerta que, para nós, é de grande valor e que veio augmentar, se era possível, a consideração e estima que desde muito lhe tributamos.

A offerta é uma publicação sua, e a que bem lhe cabe o nome baptismal: — *Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na pharmacopéa portugueza*. O que escrevessemos de elogio em favor do livro de Silva Machado, depois de patentearmos a sympathia que professamos a este cavalheiro, poderia ser taxado de louvor devido à amizade; contentar-nos-hemos portanto em dizer: não elogiamos, porque o que é bom elogios não necessita; e,

n'este caso, com toda a certeza e verdade inteira está o trabalho de Silva Machado. O *Elucidario* era um livro preciso, senão para todos pelo menos para muitos, e bôa idéa teve o seu auctor em dal-o á imprensa.

Alfredo da Silva Machado pertence á phalange dos pharmaceuticos que hão gravado no seu lemma:—LEVANTAMENTO SCIENTIFICO DA CLASSE—e é por isso que, apesar de alquebrado pela grande copia de serviço, a que seu cargo o obriga, elle, como um dos briosos soldados do seu esquadrao, veio depôr, no altar religioso da regeneração da classe, a offerta do seu estudo e as primicias do seu trabalho, preenchendo perfeitamente uma lacuna que havia na livraria do pharmaceutico. Oxalá que todos os pharmaceuticos, lidos e instruidos, cujo numero já não é pequeno no nosso paiz, empregassem o seu ingenho e dedicassem o seu estudo a trabalhos de sciencia profissional e a obras litterarias, de que só adviessem honra e consideração para a classe pharmaceutica. Façam isto e em breves annos a posição social do pharmaceutico no nosso paiz será outra e bem outra d'aquella que hoje tem.

Silva Machado comprehendeu e cumpriu bem o seu dever, agora os outros que cumpram tambem o seu — e se nem todos os pharmaceuticos querem ou não podem escrever, a todos, porém, corre-nos o dever d'auxiliar e animar o trabalho dos nossos irmãos pharmaceuticos.

Sabemos que em muitos dos nossos collegas a abonação real do capital scientifico, auferido e cultivado, é grande e abundante e que as livrarias possuidas são ricas e opulentas... mas desculpa, não se poderá encontrar para deixar de comprar um livro de facil maneação e que muitas vezes o pharmaceutico será obrigado a abrir e consultar, e quando o seu custo, de 400 réis, é mais que modesto!

Ainda que todos os pharmaceuticos do paiz o comprem, como é do seu dever e conveniencia, nem assim a verba obtida dará o necessario para pagar o trabalho e as despesas, já não dizemos o serviço feito á classe, porque esse é grande e não pode ser pago.

«Acceite, Silva Machado, os nossos respeitos e parabens, em quanto não lhe vamos dar um apertado aperto de mão. — H. Lima.»

Correio Medico de Lisboa

«N'este livro, elaborado pelo distincto pharmaceutico Alfredo da Silva Machado, estão agrupadas e desinvolvidas as reacções indicadas na pharmacopèa official, com o fim de examinar o grau de pureza das substancias medicamentosas. No seu elucidario, escripto com bastante claresa, a par da concisão, o sr. Silva Machado enumera tambem as falsificações e inquinações dos medicamentos, umas vezes fraudulentas, outras vezes devidas ás imperfeições dos processos de preparação, ao mesmo tempo que expõe os processos chimicos para as reconhecer. Por esta simples noticia vêem bem os leitores de que utilidade é para o pharmaceutico, no exercicio da sua profissão, o livro a que nos referimos e com que o seu auctor confirma os creditos de que justamente gosa. — V. M.»

Gazeta dos Hospitaes Militares

«O nosso collega Alfredo da Silva Machado, chefe do serviço pharmaceutico do hospital Estephania, acaba de publicar um *Elucidario* aos ensaios das substancias medicinaes, recommendados na *Pharmacopèa Portugueza*.

É uma obra pequena, mas de bastante trabalho e de utilidade para a classe pharmaceutica, principalmente para os pharmaceuticos das provincias; porque, além de lhes poupar algum tempo, por estarem n'ellas reunidas um grande numero de reacções, hade tambem tiral-os de algumas difficuldades, visto o *Elucidario* indicar, com muita claresa, a forma porque se deve proceder á analyse preparatoria dos productos, que mais frequentemente se empregam, e nem todos terem os meios necessarios para resolver estas questões scientificas.

Ao auctor, que é pharmaceutico habil e activo, pedimos que continue a publicar os seus uteis trabalhos, para credito seu e da classe a que pertencemos. — F. de Carvalho.»

Gazeta de Pharmacia

«O sr. Silva Machado, illustrado pharmaceutico do hospital Estephania, acaba de publicar um livro de grande importancia para os pharmaceuticos e muito especialmente para os aspirantes quando pretendem habilitar-se ao exame de pharmacia.

Agradecemos muito penhorados o exemplar com que nos brindou e, avaliando o prolongado estudo que necessariamente fez para produzir a sua obra e o trabalho e despesas de publicação, sentimos verdadeiro prazer de registrar o nome d'aquelle que, apesar do estado anarchico a que chegou a pharmacia em Portugal, sente em si bastante força de vontade, bastante intelligencia e bastante illustração para reagir com a decadencia commum, trabalhando para distinguir o seu nome e para ser util á sua classe.

O sr. Silva Machado tornou-se, pelo seu *Elucidario aos ensaios recommendados na pharmacopéa*, credor dos mais sinceros elogios, não só porque estuda e se illustra e procura illustrar os mais, quando os poderes publicos negam todos os meios de illustração á classe pharmaceutica, mas tambem porque o seu livro é deveras util e será sempre um bom auxiliar nas analyses de que trata a *pharmacopéa*, porque resume uma somma de conhecimentos que não se encontram facilmente sem consultar os melhores livros de chimica e pharmacia, os quaes nem sempre o pharmaceutico pode possuir.

Recommendamos pois o *Elucidario* aos nossos assignnantes e em especial aos estudantes de Pharmacia.»

Jornal de Pharmacia e Sciencias accessorias de Lisboa

«Com o mui apropriado titulo — CHIMICA PHARMACEUTICA, ELUCIDARIO DOS ENSAIOS DAS SUBSTANCIAS MEDICINAE RECOMMENDADOS NA PHARMACOPÉA PORTUGUEZA—acaba de publicar o nosso mui illustrado collega, o sr. Alfredo da Silva Machado, pharmaceutico pela universidade de Coimbra, chefe do serviço pharmaceutico no hospital Estephania, aprovado com louvor no curso de chimica applicada ás artes

do instituto industrial de Lisboa, e membro honorario da sociedade pharmaceutia lusitana, além d'outras estrangeiras, um livro de cem paginas, oitavo grande, que se torna de grande utilidade a todos os pharmaceuticos, que precisam manipular os seus medicamentos com verdadeiro conhecimento da pureza das substancias, que têm de empregar; por isso que, além de lhes indicar os seus principaes caracteres, isto é, aquelles que devem ter quando puros, descreve tambem os processos mais modernos, mais seguros e mais faceis de chegar a descobrir as falsificações ou sophisticações de que tiverem sido alvo. Em muitos dos seus artigos, que têm por base os que fazem parte da Pharmacopêa Portugueza, apresenta tambem o processo mais recommendado para obter uns certos productos, cuja composição não vem publicada n'esta Pharmacopêa, por a ter julgado desnecessaria essa publicação.

O sr. Machado preenche esta lacuna, como elle a considera, pondo, ao alcance de todos, os melhores processos para obter taes productos.

É louvavel o empenho que este nosso collega mostra em promover todas as cousas, que concorram para o bem da classe a que muito se honra de pertencer; e é de suppôr que esta corresponda aos seus desejos, manifestando o seu agradecimento e adquirindo um livro que tão conveniente e necessario lhe é.

Receba o nosso bom collega os nossos agradecimentos e louvores, que de coração lhe tributamos.»

El Restaurador Pharmacéutico

«Hemos recibido con agradecimiento la obra siguiente:

Elucidario aos ensaios das substancias medicinaes recommendados na Pharmacopêa Portugueza, se titula un folleto de 100 páginas que ha publicado el farmacéutico D. Alfredo da Silva Machado, jefe del servicio farmacéutico del hospital Estefania. El titulo ya revela la importancia de la obrita, y de la exposicion de su doctrina pueden sacar utilidad los profesores en el reconocimiento de las especies quimicas y farmacológicas de que se ocupa.»

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 8 DE JANEIRO DE 1884

Presidencia do sr. commendador José Tedeschi

Foi aberta a sessão ás oito horas da noite.

O sr. presidente, na ausencia do sr. segundo secretario, que tinha pedido a escusa do cargo temporariamente, convidou a occupar o lugar de segundo secretario o socio Fernandes da Cunha e, em seguida, procedeu-se á leitura da acta da sessão antecedente, a qual foi approvada; fazendo-se apenas uma declaração de que não fôra só o sr. presidente que foi comprimentar o nosso consocio, ex.^{mo} sr. ministro Aguiar, mas tambem acompanhado pelos secretarios da mesa.

O sr. *presidente* apresentou uma moção, para o que chamou a attenção da sociedade, que passou a lér, e referia-se ella aos ultimos acontecimentos das camaras dos srs. deputados e pares do reino, em que fôra concedido, por estas duas camaras, a permissão de fazer exame de pharmacia, em manifesta contradicção com as leis vigentes, a um droguista natural de S. Thomé, Gonçalves Pinto, dispensando-se-lhe todos os preparatorios e mais requisitos da lei.

O sr. *Machado* pediu para que fôsse feita uma pequena modificação, n'uma palavra da moção referente ao numero de preparatorios.

O sr. dr. *Alves* não foi da opinião do sr. Machado, sendo corroborado pelo sr. Fragoso, que tambem combateu em breves palavras a modificação do sr. Machado, fazendo este sr. ainda umas reflexões sôbre o assumpto.— Foi a moção posta á votação e approvada unanimemente.

O sr. *Machado* propoz em seguida que fôsse lançado na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do nosso consocio Gomes Roberto, o que foi accete.

O sr. dr. *Alves* fez ainda considerações sobre o que acabava de se passar nas duas camaras, com respeito ao droguista Pinto, de S. Thomé, e expôz a conveniencia de se representar contra a continuação de semelhantes factos, porque elles dariam logar a novas e numerosas pretensões no mesmo sentido, o que seria um desdouro para a classe; que era de toda a urgencia que se evitasse, sendo por fim de opinião que a representação se faça breve.

O sr. *presidente* fez uma declaração, com respeito ao processo, como sabia que tinha corrido o projecto que se referia ao droguista Pinto, ultimamente dispensado dos preparatorios e mais habilitações para fazer exame de pharmacia, notando a velocidade ou rapidez quasi electrica, como tinha passado nas duas camaras o mesmo projecto; caso que se não dá com outros de interesse geral do paiz, notando ainda o que podem as influencias politicas.

O sr. *Fragoso* concordou plenamente com as palavras do sr. presidente.

O sr. dr. *Alves* tambem opinou pelo que acabava de esponder o sr. presidente e expoz ainda mais considerações tendentes a explicar d'um modo frisante como as cousas se passaram, insistindo em que se deve representar contra semelhante procedimento.

O sr. *Coelho de Jesus* manifestou tambem a sua opinião no mesmo sentido, dando explicações como a sociedade se tem havido em outros assumptos, sendo contra o sr. *Fragoso* e optando pela opinião do sr. da *Alves*.

Fallaram ainda os srs. dr. *Alves* e *Fragoso* sobre o mesmo assumpto, sendo em seguida posta á votação a proposta do sr. presidente, no sentido de se representar, que foi approvada.

Por proposta do sr. dr. *Alves* foi approvedo que, n'este sentido, se officie ao Centro Pharmaceutico Portuguez, para este representar de accôrdo com a sociedade.

Entrou-se em seguida na ordem da noite, fallando em primeiro logar o sr. *Fragoso*, dando umas explicações sobre a sua proposta, com referencia ao regimento de preços

dos medicamentos, pedindo para a retirar, por ser assumpto que a todos interessa e estarem presentes poucos socios, sendo corroborado este pedido pelo sr. Gomes de Mattos.

Os srs. *Drack*, *dr. Alves* e *Pessoa* não fôram de parecer que se retirasse a proposta por ser ella de interesse para a classe, antes fôsse discutida e tomada na devida consideração.

O sr. *Fragoso* lamentou a pouca concorrência dos socios ás sessões da sociedade, o que parecia que descuravam dos seus interesses mais palpitantes, e era esse o motivo porque pediu para ser retirada a proposta.

O sr. *Drack* foi de opinião de se nomear uma commissão para tratar do assumpto da proposta do sr. *Fragoso*, que se referia ao regimento dos preços, para estudar e dar o seu parecer e haver base para a discussão, e assim transmitir o resultado á commissão que labora na confecção do novo regimento; sendo composta essa commissão dos srs. *Fragoso*, *Coelho de Jesus* e do socio *Fernandes da Cunha*.

Encerrou-se a sessão eram dez horas da noite.—O socio servindo de secretario, *Fernandes da Cunha*.

SAUDE PUBLICA

Maneira de descobrir o acido salicylico no leite

No laboratorio municipal de Paris, a analyse qualitativa do leite, com relação ao acido salicylico, opera-se do modo seguinte:

Toma-se 100 c. c. de agua a 60°, e outro tanto de leite, ajunta-se 5 gôtas de acido acetico e egual porção de sôluto de azotato de mercúrio; agita-se e filtra-se.

O sôro de leite, assim obtido, é limpido; contém, no sôluto, todo o acido salicylico; deita-se n'um tubo de vidro com torneira; ajunta-se 50 c. c. de ether e agita-se com vehemencia; deixa-se em repouso por algum tempo, até

que o ether se separe e sôbrenade contendo o acido salicylico puro; separa-se a parte aquosa; deita-se o soluto ethereo em amplo vidro de relógio e abandona-se á evaporação espontanea; tracta-se o residuo por algumas gôtas de agua distillada e depois addiciona-se uma ou duas gôtas de soluto de perchloreto de ferro ao centesimo, que produzirá coloração violeta com a presença do acido salicylico.

Para dosar o acido salicylico, toma-se 200 c. c. de leite que se mistura a 200 c. c. de agua; eleva-se a 60° e coagula-se o caseo e a albumina pelo acido acetico; em seguida ajunta-se ligeiro excesso de azotato mercurico (isento de azotato mercurioso), a fim de precipitar o principio albuminoide, descoberto no leite pelos srs. Miller e Commaille, sôb o nome de lactoproteina, que não é coagulada nem pelo calor nem pelo acido acetico, que fornecerá, com o ether, emulsão mui difficil de lhe separar inteiramente a camada etherea, mesmo depois de repouso prolongado; agita-se com 100 c. c. de ether puro e deixa-se em quietação; passado algum tempo, decanta-se a parte aquosa para outro tubo e trata-se de novo por 100 c. c. de ether; separa-se outra vez a camada etherea, que será reunida á primeira, e lava-se toda a massa por duas vezes em pequena quantidade de agua que se elimina; filtra-se o ether, para uma larga capsula de vidro, e deixa-se exposta á evaporação espontanea.

A totalidade do acido salicylico é obtido sôb a forma de crystaes brancos, retendo pequenas porções de acido acetico e de acido butyrico, os quaes são expellidos pela exposição na estufa de 80 a 100°.

Sólva-se em agua alcoolisada e gradua-se com soluto alcalino de cobre.

J. D. CORRÊA.

(*Journ. de pharm. d'Anvers.*)

CHIMICA

Naphtol

O naphtol bruto, tal como se emprega na industria das materias corantes, apresenta-se sôb a forma de massas violete-escuras, que podem ser facilmente reduzidas a pó. O naphtol puro, unico empregado em medicina, é pelo contrario perfeitamente crystallizado em agulhas brancas, brilhantes, finas e sedosas. Chemicamente puro, possui cheiro fraco ou quasi nullo, o seu sabor é ardente; respirado fortemente, provoca violentos espirros.

O naphtol é facilmente soluvel na agua ebulliente, muito soluvel no alcool, no ether, no chloroformio, no benzol, nos oleos e nas gorduras; o seu soluto aquoso, saturado a 25°, contém uma parte de naphtol por 550 partes de agua; aquecido suavemente, sublima-se com facilidade; pode ser tambem distillado em uma corrente de vapôr de agua; deve-se mesmo ter em conta esta propriedade quando se empregue agua ebulliente para fazer um soluto de determinada percentagem.

Quando se queira dissolver naphtol em uma grande quantidade de agua, convém dissolvê-lo previamente na menor porção de alcool (cêrca de 2 p. de alcool para 1 de naphtol); verte-se depois este soluto na agua, agitando constantemente.

Foi em 1881 que, por indicação de Ludwig, o professor Kaposi ensaiou o emprego do naphtol em medicina. Os numerosos ensaios d'este sabio demonstraram rapidamente que o naphtol substitue com vantagem o phenol, mesmo em soluto diluido, de 1 : 1000, por exemplo. Desprovidos de cheiro, estes solutos não incommodam os enfermos, actuando não obstante como poderoso desinfectante; obstatam e paralizam qualquer fermentação e por consequencia qualquer decomposição de compostos organicos; applicados sôbre membranas mui delicadas, causam ao principio uma

sensação ardente e uma irritação local que desaparecem muito rapidamente e que são muito menos dolorosas do que as provocadas pelo contacto com os solutos phenicos; parece até que applicados sobre queimaduras muito graves, têm favorecido e estimulado a formação de novos tecidos.

O naphtol é pois um agente dos mais poderosos; as experiencias de Neisser mostram effectivamente que um gramma d'um soluto aquoso concentrado é susceptivel de matar um coelho pesando cerca de 1 kilogramma; um cão do peso de 4^k, 5 não resiste á dose de 1 gr. e meio.

Quanto á acção local, que o naphtol exerce sobre a pelle, as experiencias de Kaposi têm mostrado que o naphtol em solução na banha, mesmo na dose de 15 a 20 por 100, não produz nenhuma irritação, quando applicado sobre uma pelle sã. Applicado sobre o eczema, pode provocar uma inflamação aguda, mesmo quando é diluido n'uma pomada na dose de 1 por 100. O soluto alcoolico actua muito mais energicamente: na concentração de 1 1/2 a 1 por 100, este soluto provoca, mesmo sobre a epiderma sã, uma erupção urticaria que pode ir além da parte friccionada.

Pôsto que tenhamos já feito notar que o naphtol não tem cheiro, quando é chimicamente puro, A. Jarisch observou que elle adquire, pelo seu contacto com a pelle, um cheiro *sui generis* que se transmite á atmospherá da camara.

Uma das grandes vantagens do naphtol consiste ainda em não corar nem a pelle nem os cabellos; todavia produz mancha cor de rosa, que passa a vermelho, em contacto do ar, nos tecidos de linho e de algodão; esta coloração desaparece porém mui facilmente por meio d'uma simples lavagem com agua quente e sabão.

A acção do acido sulfurico sobre a naphtalina forneceu, manuseada por Merz, dois acidos isomeros; tratados pelos alcalis, os saes d'estes acidos dão naphtoes α e β .

Naphtol α — Apresenta-se em agulhas brilhantes fusiveis a 94°.

Naphtol β — Este naphtol, fusivel a + 122°, tem o aspecto de laminas micaceas, incolores.

Os dois naphthoes, fabricados em ponto grande para as necessidades da industria tinctural, foram objecto de ensaios comparativos que têm feito dar a preferencia ao naphthol β .

O naphthol é toxico em dóse elevada, e è preciso observar-lhe os effeitos cumulativos e a reabsorção; além d'isso, o naphthol eliminando-se pelos rins, depois de haver sido reabsorvido, seria imprudente prescrevel-o aos individuos cujas funcções renaes não se executassem normalmente.

O doutor Guérin fez recentemente do estudo do naphthol β o assumpto da sua these inaugural; resulta de suas observações que o emprego do naphthol sôb a forma de pomada:

Vaselina	100
Naphthol β	10

ocasiona, no fim de 10 a 15 dias, a desaparição completa do acarus da sarna e faz cessar, ao mesmo tempo, o eczema e o prurigo consecutivos á apparição d'este insecto.

O doutor Kaposi assignalou os serviços que se podem tirar do emprego do naphthol no prurigo, sôb a forma de sabão dosado a 2 por 100, assim como na ichthyosa. O herpes tonsurante é rapidamente curado pelo sabão de naphthol, em fricções á noute, durante dois a seis dias; enfim, o emprego alternado do sabão sulfuroso e do sabão de naphthol dá os melhores resultados no favus (tinha).

Esta alternação no emprego do sabão de naphthol e do sabão sulfuroso, ou do sabão com 5 por 100 de acido borico, nas affecções da pelle, parece ser a melhor maneira de evitar os effeitos cumulativos consecutivos á reabsorção do naphthol. Pode tambem utilizar-se vantajosamente o azeite, com 5 por 100 de naphthol, concorrentemente com os banhos sulfurosos ou as loções sulfurosas.

(Tradueção.)

S. M.

HISTORIA NATURAL

BOTANICA

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 71)

CORNICULATAE

Crassulaceae. D. C.

Umbilicus pendulinus. D. C.

(*Cotyledon umbilicus*. L.)

Conchelos, Sombreira dos telhados, Orelha de monge.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Caldas de Moledo, Serra da Estrella, Povoia de Lanhoso, Miranda do Corvo e em quasi todo o paiz.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas recentes.

Emp. como emollientes e refrigerantes. O succo e o extracto d'esta planta têm sido preconizados por alguns medicos inglezes contra a epilepsia ¹.

Sedum telephium. L.

Telophio, Favaria vulgar, Herva dos callos.

Hab. nas vizinhanças de Lisboa. (Brot.)

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas recentes.

Emp. como adstringente. Pouco usado.

Sedum acre. L.

Vermicularia, Uva de cão menor.

Hab. nas proximidades do Porto, Regua e em outros pontos das nossas provincias do Douro, Minho e Trás-os-Montes.

¹ Em Hespanha as folhas d'esta planta entram na composição do unguento de populeão.

Hetet achou no *Umbilicus pendulinus*. D. C. a *propylamina*.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas recentes e o succo.

Emp. as folhas em cataplasmas para resolver tumores do peito; e o succo como vesicante, emetico e purgativo. Tambem tem sido aconselhada como febrifuga, diuretica e antiscorbutica. Pouco usada.

Sempervivum arboreum. L.

Saião.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa e em outros pontos ao sul do paiz.

Flor. em novembro e dezembro.

P. u. as folhas e o succo.

Emp. as folhas como adstringentes e o succo tem sido indicado como efficaz nas febres biliosas, na dysenteria, angina e chorea ¹.

Saxifragaceae. D. C.

Saxifraga granulata. L.

(*S. cernua.* Lap.)

Saxifragia granulada ou branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bragança, Povoia de Lanhoso, Serra da Estrella, Ponte de Murcella, Buarcos e em diversos pontos das nossas provincias da Extremadura, Beira, Douro, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. na primavera.

P. u. a raiz.

Emp. como litontripctica. Pouco usada.

Ribesiaceae. Endl.

Ribes rubrum. L.

Groselhas vermelhas.

Hab. em diversos paizes da Europa e, entre nós, cultiva-se nas hortas e jardins.

Flor. em maio.

P. u. os fructos recentes.

¹ Póde substituir-se-lhe o *Sempervivum tectorum.* L. que é vivaz e cultivado nos jardins (*Pharmacopœa portugueza*, 1876).

Emp. para preparar um xarope, que se usa como temperante e laxante.

POLYCARPICAE

Ranunculaceae. Juss.

Clematis flammula. L. ¹

Vidraria, Flammula de Joh.

Hab. proximo a Lagos, Monchique e em muitas outros pontos do Algarve.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como poderoso epispastico. Pouco usado.

Clematis vitalba. L.

(*Atragene* Theophrasti. Clus.)

Sipó do reino, Vide branca.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã e em diferentes pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. as folhas.

Emp. como rubefaciente e vesicante. Pouco usado.

Thalictrum glaucum. Desf.

(*Th. flavum*. Cav. non L.; *Th. flavum hispanicum*. Brot.;

Th. flavum β . *speciosum*. L.; *Th. speciosum*. Auct.)

Rhuibarbo dos pobres.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Louzã, Porto, Povoia de Lanhoso, Serra da Estrella, S. Thyrsó, Cabeceiras de Basto, Lisboa, Cintra, Lagoa da Albufeira e em outros pontos da Beira, Douro, Minho e Extremadura.

Flor. em maio e junho.

P. u. a raiz.

Emp. como purgativa e diuretica. Pouco usado.

Anemone nemerosa. L. ²

Anemola dos bosques.

Hab. nas serras da Louzã, Gerez, Marão, Cabeceiras de

¹ Variedade β . *maritima*. D.C. (*C. maritima*. L.; *C. caniculata*. Lag.)

² Variedade β . *hirsuta*. Pritz.

Basto, visinhanças do Porto e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. de março a maio.

P. u. as folhas e raiz.

Emp. as folhas narcotico-acre, a raiz como vesicante. As folhas tambem têm sido recommendadas contra a tenia. É necessario o maior cuidado na sua applicação por isso que é muito activa. Pouco usada.

Ranunculus flammula. L.

(R. lingua. Plan.)

Ranunculo inflammatorio.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Mealhada, Aveiro, Foja, Porto, Cabeceiras de Basto, Lisboa e em outros pontos do paiz.

Flor. de maio a agosto.

P. u. a planta florida.

Emp. como epispastico. O hydrolato d'esta planta é emetico. Como no caso antecedente deve haver o maior cuidado na applicação d'esta substancia por ser muito activa. Pouco usado ¹.

Ranunculus sceleratus. L.

Patalou dos valles.

Hab. nos campos do Mondego e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. em junho e julho.

P. u. as folhas.

Emp. como vesicante. É venenoso. Pouco usado ².

¹ Em Allemanha o povo emprega o succo d'este ranunculo misturado no vinho como antiscorbutico.

² É de todas as especies de ranunculos a mais acrimoniosa em todas as suas partes: esta acrimonia é na rasão inversa da idade da planta, e directa do apartamento da raiz para as flores. As folhas trituradas entre os dentes excitam uma sensação de combustão com um fluxo consideravel de saliva; repetida a experiencia inflammam a lingua, escoriam-na, privam-na do gosto, produzem na sua parte anterior uma certa asperesa estyptica, fendem-na no apice, produzem o estupor dos dentes, e constituem as gengivas dolorosas e cruentas.

A acrimonia dos ranunculos consiste n'um principio volatil, posto que ino-

Ficaria ranunculoides. Moench.

(*Ranunculus Ficaria*. L.)

Celidonia menor.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, Bragança, Povoia de Lenhoso, Serra da Estrella, Buarcos, Porto, Cabeceiras de Basto, Lisboa, Cintra, Serpa e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em março e abril.

P. u. as folhas.

Emp. o hydrolato d'esta planta como antiscorbutico. Também se usa debaixo da forma de cataplasma nos tumores escrophulosos. Pouco usado.

Helleborus foetidus. L.

Herva de Bêsteiros. Helleboro.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra, entre os moinhos da Boiça e o Caboco, assim como em Cintra, Semide, Arouca Bragança, Porto e em outras partes das nossas provincias septentrionaes.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como purgante drastico. É um veneno narcotico acre ¹.

Nigella arvensis. L.

Alipivre dos campos, Barbas de velho.

doro, como prova a sua abolição pelo calor, cocção, exsiccação e maturação: esta acrimonia existe em muitas partes d'estas especies, ex. gr. raiz, caule, folhas, flores, germes no estado immaturo, succo expresso, cozimento, infusão, como em muitas experiencias observou Krapf (Experimenta de nonnullorum Ranuncularum venetata qualitate, horum externo et interno uso. Vien., 1766). O mesmo auctor tentou achar antidotos a similhante veneno, e conheceu que as folhas das azedas, as groselhas, e sobre tudo a agua, eram os melhores para o mitigar. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora Pharm.*)

Duas gotas do succo do *R. sceleratus*. L. occasionaram a Krapf. dores agudas no ventre e violentas convulsões. (Texidor y Cos.)

¹ O *Helleborus niger*. L. é o que se emprega geralmente em pharmacia. É planta originaria da Europa central.

A infusão das folhas do *Helleborus foetidus*. L., dizem ser um bom remedio, em clysteres, contra as ascárides lombricoides. Em veterinaria emprega-se o Helleboro para entreter os sedenhos.

Hab. ao sul de Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. como estimulantes e carminativas, sialagogas e emenagogas. Pouco usado.

Nigella damascena. L. ¹

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Torres Novas, Lisboa, Cintra, Azeitão, Montargil, Faro e em muitos outros pontos das nossas provincias da Extremadura, Beira, Douro, Alemtejo e Algarve.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. tudo o que diz respeito á especie antecedente. Pouco usado ².

Aquilegia vulgaris. L. ³

Herva pombinha ou Luvas de Nossa Senhora.

Hab. nas visinhanças de Formozelha, Buarcos, S. Pedro da Cova, Porto e em outros pontos das nossas provincias septentrionaes.

Flor. na primavera e estio.

P. u. as sementes.

Emp. Segundo Texidor y Cos esta planta favorece a saída das pustulas variolosas e augmentam a secreção do leite. Pouco usada ⁴.

Aquilegia dichroa. Freyn.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Manteigas, Pova de Lanhoso, Serras de Rebordão e Montesinho e em outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e estio.

¹ Variedade β . minor. Bss.

² A *Nigella sativa*. L. é a que mais se usa em pharmacia, mas não é indigena do nosso paiz.

³ Variedades: β . Hispanica. Wk. (*A. vulgaris* β . viscosa. Coss.)

⁴ A infusão não protrahida das flores da *Aquilegia* recentes, e succosas dá uma cor azul elegante, a qual se torna rubra pelos acidos, e verde pelos alcalis: póde formar-se com ella um xarope superior ao das violas, como reagente, para mostrar a presença dos acidos e dos alcalis. (Dr. J. J. de Figueiredo — *Flora Pharm.*)

P. u. as sementes.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Delphinium consolida. L.

Consolda real, Esporas.

Hab. em Cintra, ao sul do Tejo e nas nossas provincias do Alemtejo e Algarve.

Flor. no estio.

P. u. as flores e sementes,

Emp. as flores como diureticas, emenagogas e vermifugas. As sementes obram como emeticas e purgativas. Pouco usada.

Delphinium staphysagria. L.

Parrapaz ou Herva piolheira.

Hab. na serra da Arrabida, proximo ao convento, e Brotero, diz encontrar-se espontanea nos arredores de Coimbra.

P. u. as sementes.

Emp. como emeticas, drasticas e purgativas: É preciso ter a maxima cautela na sua applicação porque irritam a mucosa gastro-intestinal, e determinam a aфонia, convulsões e a morte ¹.

Aconitum napellus. L.

Aconito.

Hab. nas visinhanças de S. Martinho de Angureira proximo a Mogadouro. (E. Schmitz).

Flor de junho a agosto.

P. u. a raiz e folhas.

Emp. O aconito em alta dose (4 a 8 gram.) é um veneno narcotico-acre; em pequena, emprega-se na aslluma, syphilis, hydropsia, rheumatismo, sciatica, gôttta, constipação, coqueluche, nevralgia facial, tysica, amaurose, paralysisia, nas febres exanthematicas, taes como o sarampo, escarlatina, cataporas, bexigas, erysipelas, etc. O aconito possui a propriedade de supprimir a exhalação sanguinea na dy-

¹ As sementes do Parrapaz reduzidas a pó, e incorporadas em banha, serve para destruir os piolhos.

Brandes em 1819 descobriu nos Delphioms um principio muito venenoso a que chamou *Delphina*,

senteria, e é aconselhado com proveito n'esta molestia. Exerce sua acção sôbre o systema nervoso, e obra tambem como sudorifico e diuretico. Mas o aconito serve especialmente para o tratamento das molestias que provêm da perturbação das funcções da pelle. Eis-aqui os phenomenos observados por Matthioli, pela acção de 2 oitavas de aconito, em quatro condemnados á morte: entorpecimento da lingua, suores geraes, pallidez, dilatação da pupilla, peso da cabeça, vertigem, salivação, frio no espinhaço, escurecimento da vista, urinas copiosas, vomitos, evacuações alvinas, involuntarias, manchas vermelhas no corpo, fraqueza, convulsões, paralysisa, pulso fraco, e finalmente a morte ao cabo de tres horas (Chernoviz.). A planta verde é muito mais activa do que depois de secca. Todas as preparações com o aconito, sendo possivel fazel-as com a planta recente, merecem a preferencia. O principio activo d'esta planta é a *aconitina* um dos venenos mais fortes que se conhecem. Administra-se na dóse de meio a tres milligrammas.

Paeonia broteri. Bss. et Reut. ¹

(*P. officinalis*. Brot. non L. nec. Retz.)

Rosa albardeira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Serra da Estrella, Mafra, Cintra, Faro e em outros pontos da Extremadura e Beira, Douro e Algarve.

Flor. de abril a junho.

P. u. as petalas e raizes.

Emp. as petalas como emenagogas e antispasmodicas e são tambem aconselhadas contra a epilepsia e histerismo. As raizes são ligeiramente adstringentes e constituem a base do Xarope de peonia. Pouco usada.

(Continúa.)

(Instituto de Coimbra.)

¹ Variedades: *β. ovatifolia*. Bss. et. Rt. (*P. lobata*. Bss. non Desf., *P. officinalis β. lobata*. Wbb.)

VARIEDADES

Assumptos pharmaceuticos

Seja-me permitido transcrever do n.º 159 da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, o artigo que publiquei n'aquella fôlha, porque desejo, no proximo numero do nosso jornal, demonstrar algumas proposições que não estão sufficientemente esclarecidas, não o fazendo já para não prejudicar as outras secções litterarias.

Eis o artigo:

A Importancia de um ramo de sciencias medicas

Para analysar o assumpto de que vou tratar, servirme-hei de exemplos bastante conhecidos, por entender que é pela clareza, com que esta materia fôr tratada, que a sua verdade se apresentará mais facilmente ao espirito dos que lerem este artigo.

Obedecendo, pois, ao plano que tracei, começo por me servir do vapôr e da electricidade.

O partido que a sciencia tirou d'estes dois corpos, applicando-os aos meios de comunicação, é uma conquista das mais admiraveis e uteis do nosso seculo; e se o vapôr tem enormes applicações na industria, nas artes, no commercio e nas sciencias, e concorre poderosamente para estreitar relações entre povos remotos, permitindo pela facil comunicação, não só que se visitem e estreitem cada vez mais as suas relações, mas tambem que troquem entre si os seus productos, abrindo um futuro brilhante ao commercio, e auxiliando tão incontestavelmente as sociedades; a electricidade vem activar tudo isto, pela rapidez espantosa com que podemos transmitir o pensamento ás mais longinquas partes do mundo, e trocar com os seus habitantes as nossas idéas.

Mas succederia isto, se as sciencias physico-chimicas não estivessem formadas?

De certo que seria impossivel; e, para confirmar esta opinião, basta apenas notar que, se a descoberta do vapor e da electricidade são antigas, e que se aquelle agente no seculo xiv, já teve alguma applicação, e se no meiado do seculo xvii foi mesmo aproveitado, por Watt, para as industrias, estava reservado ao seculo actual o seu maior aproveitamento, o que nos mostra que o seu estudo foi acompanhando o desinvolvimento da chimica, e que a sua maior utilidade só appareceu, depois d'aquella sciencia se ter constituido, no fim do seculo passado, com Lavoisier.

Podia fazer considerações analogas a respeito da electricidade, mas julgo-as desnecessarias.

Depois o grupo physico-chimico e o grupo biologico estão por tal forma ligados que, para se comprehender um, tem que se estudar o outro.

Com effeito, se o botanico só souber *anatomia e physiologia*, tem conhecimento, por aquella sciencia, dos tecidos elementares que entram na estrutura de cada orgam, e por esta, do mecanismo das diversas acções que compõem a vida da planta; mas se quizer conhecer a composição intima dos tecidos, isto é, se quizer pela analyse decompôr o corpo nos seus elementos, o que é da mais alta importancia, tem de recorrer á chimica, porque, sem este auxilio, nada mais saberia.

E se subirmos a uma esphera superior; se, em vez de considerarmos o reino vegetal examinarmos o reino animal; e se, chegando a este campo, quizermos estudar o ser mais importante,—o homem, a chimica torna-se-nos ainda indispensavel.

Se lançarmos mão do microscopio e analysarmos o cerebro,—que é a parte mais importante do nosso organismo, onde as idéas e os pensamentos que dominam o mundo são elaborados, e que é, como que o cadinho ou a retorta do chimico, onde as medidas mais arrojadas, mais elevadas da humanidade se produzem, onde os direitos e os deveres do homem germinam,—veremos dois hemispheros, umas circumvoluções mais ou menos perfeitas, uma

massa branca e cinzenta, e nada mais poderemos conseguir.

Chamado porém, o chimico, elle vae decompôr cada uma das suas partes nos seus elementos, e diz, se não de todas, da maior parte, qual a sua composição.

Não será isto da mais alta importancia?

Não será isto maravilhoso e digno de ser altamente considerado pelos homens que amam as sciencias e por aquelles a quem está confiada a instrucção publica?

Se o que acabo de dizer é verdadeiro, como nenhum espirito sufficientemente instruido pode duvidar; se a importancia da chimica é tão grande, e se dizer chimica, é dizer pharmacia, para que se não dá largamente, no nosso paiz, a instrucção á classe pharmaceutica, que, nos outros paizes, como por exemplo a Hespanha e principalmente a França, é tão attendida?

Pode-se affirmar que os maiores vultos das sciencias physico-chimicas têm saído da classe pharmaceutica, e citarei os chimicos e sabios pharmaceuticos *Geoffroy, Leme-ry, Glazer, Wenzel, Scheele, Baumé, Pelletier, Vauquelin e Liebig*, porque se fôsse a citar todos os outros celebres seria longa e enfadonha a enumeração.

A quem, senão a elles, recorrem os governos, recorre a justiça para pronunciar o seu *verdictum* sôbre questões sociaes de alta importancia, dependendo da opinião dos chimicos pharmaceuticos, a liberdade ou a condemnação do homem?

Ainda agora Baudrimont e Jungfleisch, dois pharmaceuticos notaveis que a França se ufana de possuir, juntamente com um medico distincto, acabam de prestar um grande serviço á humanidade e de restabelecer o credito de uma fabrica, com a analyse que fizeram ao sulfato de quinina italiano, que estava sendo falsificado com sulfato de cinchonidina, por um droguista de Paris, e que foi condemnado a um anno de prisão e affixar a sentença nas portas do proprio estabelecimento.

Não desconheço que o juiz deve saber bem psychologia;

mas, ainda que a philosophia seja bem ensinada e comprehendida, só por si será impotente para descobrir certos crimes, porque ha particularidades do pensamento humano, que, por mais perspicaz que seja o psychologo, lhe escapam fatalmente; e se, só se guiasse pela sciencia psychologica, havia de cair em graves erros, luctar com grandes difficuldades, e é para evitar estas faltas que a chimica ou a pharmacia vêm em seu auxilio.

E' necessario desenganarem-se, que o pharmaceutico não é apenas um preparador d'esta ou d'aquelle formula medicamentosa: é tambem um collaborador scientifico da medicina, e pela revelação que faz aos clinicos da composição d'este ou d'aquelle producto, os habilita a empregal-o em proveito da humanidade.

Para comprovar o que acabo de dizer, seja-me permitido transcrever do n.º 136 da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, algumas palavras, escriptas por um medico—o dr. Cunha Bellem.

Diz este escriptor, a respeito da medicina e da pharmacia o seguinte:

«São dois ramos de um tronco commum, que se emancipam um do outro, que vivem a par, sem que um possa florescer, não florescendo o outro.

«E' tão impossivel imaginar uma pharmacia embryonaria ao lado de uma medicina florescente, como uma medicina ignorante junto de uma pharmacia illustrada.

«O pharmaceutico é um collaborador scientifico da obra medica. Uma vez, segue as indicações do clinico, outra vez, lhe abre o caminho; e no serviço sanitario do exercito tem o seu logar de honra marcado e insubstituivel.»

Bastam estes periodos para confirmar o que disse.

Mas, mesmo como preparador de qualquer formula medicamentosa, precisa o pharmaceutico ter a sua intelligencia sufficientemente cultivada e empregar as suas faculdades com o maximo cuidado, porque á sua capacidade scientifica está entregue, n'esse acto profissional, a vida do individuo, e tem na sua mão a morte ou a saude d'elle.

Parecendo-me ter demonstrado, ainda que muito resumidamente, a importancia da pharmacia nas artes, na industria, no commercio e nas sciencias, devo aproveitar esta occasião para pedir a todos os que se interessam pelo desenvolvimento do paiz e pelo bem da humanidade, que pugnem pela instrucção da classe pharmaceutica, porque d'esta forma prestam um grande beneficio ao credito e dignidade do nivel scientifico nacional uma solida face de instrucção.

Com effeito pode um alumno de pharmacia, ser pharmaceutico e ter a comprehensão do que o seu titulo de habilitação representa?

Como ha de elle proceder á analyse chimica, preparatoria dos productos que recebe em sua casa, se lhe faltam os principios mais elementares de chimica?

Como ha de elle cumprir as condições da sua profissão e que são indispensaveis ao pharmaceutico?

Quem não tem largas habilitações e dilatados estudos não está nas condições de ser membro de uma classe scientifica, sòb pena de ter de praticar graves erros no exercicio de uma profissão que não está habilitado a exercer com bases sufficientes.

Faço votos para que todos os meus collegas, que prezam o diploma que se obtém n'uma escola superior, e ao mesmo tempo a dignidade e seriedade da corporação pharmaceutica, se empenhem n'esta guerra santa, que tem por objectivo a completa educação profissional do pharmaceutico portuguez.

(Continúa.)

F. DE CARVALHO.

Desinfectante

Solva 500 grammas de sulfato de zinco em 5 litros de agua quente.

Este soluto será empregado depois de frio, em quatro ou cinco porções, conforme a intensidade das exhalações.

J. D. CORRÊA.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc. relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza.

(Continuado do tomo de 1883, pag. 46)

N.º 345

Carta de lei, de 3 de maio de 1884, relativa ao pharmaceutico mais antigo do exercito, logo que conte vinte e cinco annos de bom e effectivo serviço

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º No quadro dos pharmaceuticos militares do exercito pertence a graduação de major ao mais antigo dos pharmaceuticos, logo que conte vinte e cinco annos de bom e effectivo serviço.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cupram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 3 de maio de 1884.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.* (Logar do sello grande das armas reaes.)

— Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 1 de março findo, que dispõe que no quadro dos pharmaceuticos militares do exercito pertence a graduação de major ao mais antigo dos

pharmaceuticos, logo que conte vinte e cinco annos de hom e effectivo serviço, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém, pela forma acima declarada.

Para Vossa Magestade vêr. — *Edmundo Carlos Cordeiro da Silva*, a fez.

(*Diário do Governo*, n.º 141 de 1884.)

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Representação da sociedade, dirigida a El-Rei em 4 de junho de 1884, pedindo providencias contra a arrematação, em hasta publica, do fornecimento de medicamentos para o Asylo dos Invalidos de Runa.

SENHOR.— A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, constando lhe, por annuncios feitos pela imprensa, que no dia 8 do corrente mez de junho se pretende arrematar, em hasta publica, o fornecimento de medicamentos para o Asylo dos Invalidos de Runa, vem muito respeitosa e humildemente trazer ao conhecimento de Vossa Magestade este facto, previsto e condemnado pelo § 12.º do artigo 74.º da lei de saude, de 3 de dezembro de 1868, unica actualmente em vigor sobre tal assumpto.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana dispensa-se de enumerar as razões de alta conveniencia e interesse publico que determinaram o governo de Vossa Magestade a inserir na lei em vigor aquella salutar prescripção. O governo de Vossa Magestade comprehende muito melhor do que a Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o alcance de uma tal medida, a qual, para ser acatada, lhe basta ser *lei do Estado*.

No mez d'agosto do anno ultimo, uma tentativa analoga de arrematação se fez na cidade de Santarem e, sendo levada ao conhecimento do sabio governo de Vossa Magestade, as providencias, então tomadas para desafrontar a lei, foram promptas e immediatas. Portanto, de modo algum é licito a esta Sociedade duvidar da efficacia da resolução que

o governo de Vossa Magestade hade adoptar na presente conjuntura; sôbre que ella muito respeitosa mente vem representar a Vossa Magestade, é sôbre a urgente necessidade de se adoptarem as medidas necessarias, a fim de que cessem de uma vez para sempre estes attentados á lei, que implicam grave prejuizo para a saude publica e para o bem estar de um grande numero de subditos que tõem a grande felicidade de achar-se debaixo da paternal tutela de Vossa Magestade.

Lisboa e sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, 4 de junho de 1884.—*José Ribeiro Guimarães Drack*, 1.º vice-presidente.—*Emilio Fragoso*, 2.º secretario.

CHIMICA

Doseamento dos alcaloides da quina

Pelo sr. Prollius

A acção da cal caustica, para isolar os alcaloides da quina e determinar as materias corantes, é muito favorecida pela ammonia. O auctor aconselha a mistura de 38 partes de alcool, 10 partes de chloroformio, 2 partes de ammonia e 5 partes de quina em pó e agitar tudo em frasco apropriado; o liquido adquire côr vinhosa e contém todos os alcaloides; depois de algumas horas de repouso, decanta-se o liquido limpido, mistura-se-lhe 5 partes de hydrato de cal em pó fino; o liquido descora-se e conserva os alcaloides; filtra-se este liquido, depois é evaporado e deixa a quinina sôb a forma de um verniz, em quanto que os outros alcaloides apresentam o aspecto crystallino se a evaporação tiver sido lenta. Do peso da materia empregada infere-se a relação do peso total dos alcaloides com a casca.

Limitando-se ao doseamento dos alcaloides soluveis no ether, opera-se sómente sôbre 3 grammas de quina em pó e serve-se da mistura de 88 partes de ether, 4 partes de ammonia e 8 partes de alcool. O alcool facilita a mistura

do ether com a ammonia liquida concentrada; agita-se repetidas vezes, durante algumas horas, 30 partes d'esta mistura com 3 partes de quina em pó e deixa-se repousar; precipitada a quina decanta-se, sem filtração, 20 partes d'este liquido claro, que contém os alcaloides de 2 grammas de quina; adicionando-se-lhe 5 a 6 gôtas de acido sulfurico diluido (sufficiente para que o mesmo liquido tenha ligeiro excesso); os alcaloides agglomeram-se no fundo do copo e o ether pode ser facilmente decantado; o liquido decantado, por causa da pequena quantidade de alcool que contém, conserva pequena quantidade de alcaloide; consegue-se despojal-o agitando-o em seguida com 2 partes de agua, depois com 1 parte de agua, que se reune a o primeiro liquido.

Para se obterem os alcaloides expella-se o alcool pelo calor; depois adiciona-se ammonia liquida que precipita os alcaloides; se a precipitação é effectuada, durante o liquido ainda quente, o sedimento dos alcaloides é resinoide, facil de ser lavado; pode-se seccar em vaso tapado e depois pesar. O peso dos alcaloides \times 50 dá a percentagem dos alcaloides.

Quando os alcaloides são dosados com a mistura de ether, alcool e ammonia, pode-se obter os ditos alcaloides no estado de sulfatos crystallizados, depois de haver aquecido a ammonia, ajuntando-se para este fim bastante acido sulfurico diluido para neutralisar os alcaloides.

(*Archiv der Pharmacie.*)

Acido trichloracetico considerado como reagente da albumina na urina

Pelo sr. A. Raabe

Para pesquisar a albumina na urina, o auctor aconselha empregar-se o acido trichloracetico crystallizado. Introduz-se um fragmento d'este acido no tubo de ensaio, que contenha um centimetro cubico de urina filtrada; não se agi-

ta a mistura. Depois de alguns instantes apparece uma zona turva, formada de albumina coagulada.

Este reagente é mais sensível que o ácido azotico e principalmente o ácido metaphosphorico; não turva a urina normal, mas apresenta rapidamente sedimento de ácido urico nas urinas carregadas de uratos.

(*Pharmaceutische Zeitschrift für Russland.*)

J. D. COBRÊA.

FORMULARIO

Licor mineral antiseptico

(A. HUET)

Este licor resulta da transformação que soffrem as lavas causticas tratadas pelo ácido chlorhydrico.

As lavas, que são silicatos, pela acção do dito ácido produzem um magma polposo, semelhante à gelêa, que, depositando-se, divide-se em duas partes: uma parte esverdeada, espessa, granulosa, quasi solida; outra parte liquida, amarellenta, de consistencia xaroposa, a qual, segundo a analyse feita pelo sr. Millot, é composta de:

Chloreto de aluminio	61,75
« de potassio.....	19,81
« de ferro	15,09
« de calcio.....	2,13
Silicato gelatinoso.....	1,22
	<hr/> 100,00

O inventor d'este licor tem-no empregado nos matadouros de Paris, como desinfectante muito energico, e o sr. dr. Horteloup o tem usado no curativo dos cancos e nas adenitas virulosas, obtendo bons resultados.

O sr. Horteloup considera os effeitos d'este medicamento muito semelhantes aos do chloreto de zinco, e as suas propriedades antisepticas mais activas.

As grandes vantagens d'este licor são: 1.º a excessiva

facilidade com a qual pode ser dosado; 2.º sua qualidade innocente sôbre a epiderma; 3.º sua ausencia completa de cheiro, propriedade excepcional para o desinfectante; 4.º seu preço excessivamente moderado, pois que um litro d'este licor a 32º custa 5 francos.

Perfumes de cigarros americanos

I. Extracto fluido de valeriana	28,4 ^{cc}
Tinctura de fava Tonka	225,0
Alcool, q. b. para completar.....	896,0
II. Acido valerianico	40,5
Ether butyrico.....	0,4
Ether acetico.....	1,6
Alcool.....	1800,0
III. Tinctura de valeriana.....	14,4
Ether butyrico.....	14,4
Tinctura de baunilha.....	7,2
Espirito d'ether nitroso.....	3,6
Alcool.....	140,0
Agua, q. b. para completar.....	452,4

Pó antiseptico

(BRUNS E KERSCH)

Colophonia	60 partes
Estearina	15 »
Acido phenico.....	25 »
Carbonato de cal precipitado....	7 a 800 »

Funda-se a brando calor a colophonia e a estearina e, depois do resfriamento parcial, ajunta-se o acido phenico. Esta mistura será reduzida ao estado de pó homogêneo, pela adição do carbonato de cal precipitado, que se incorpora com cuidado.

Poção acida com hortelã pimenta

(V. AUDHOU)

Agua commum	100 grammas
Agua de hortelã pimenta	30 »
Xarope simples.....	20 »
Acido sulfurico diluido.....	12 gôtas.

Misture. Dissipa facilmente os ataques da dyspepsia flatulenta simples, que não é essencialmente dolorosa e na qual não ha deliquio.

Poção antimetrorrhagica

(COURTY)

Agua ebulliente.....	100,00 grammas
Fôlha de dedaleira.....	0,30 »
Infunda e ajunte:	
Xarope de consolda maior....	30,00 grammas
Agua de flor de laranjeira....	30,00 »
Tinctura de canella.....	15,00 »
Extracto de ratanhia.....	4,00 »
Ergotina Bonjean.....	1,00 »
Extracto de opio.....	0,10 »

F. s. a. Uma colher, das de sopa, de doze a doze ou de seis a seis horas, ou repetidas vezes se for necessario.

da Ordem dos Farmacêuticos**Poção de brometo e chloral**

(DUJARDIN-BEAUMETZ)

Brometo de potassio.....	7 grammas
Agua distillada.....	60 »
Xarope de chloral.....	60 »

F. s. a. Uma colher, das de sopa, em uma chavena de leite contendo uma gema de ovo, na pneumonia com delirio.

Poção sedativa

(LUYS)

Brometo de potassio.....	4 grammas
Hydrato de chloral.....	2 »
Agua distillada.....	100 »
Xarope de morphina.....	30 »

F. s. a. Uma colher, das de café, de duas a duas horas, aos alienados agitados.

Xarope bechico

(DR. GALLOIS)

Xarope de balsamo de Tolú....	25 gram.
Xarope de sulfato de morphina..	25 »
Agua de loureiro-cerejeira	5 »

Misture. Administra-se em duas porções, durante a noite, afim de diminuir os quintos de tosse, promover o sono aos tuberculosos ou ás pessoas que soffrerem affecção aguda das vias respiratorias.

Xarope contra a tosse convulsa

(TORDEUS)

Brometo de potassio.....	10 grammas
Agua de loureiro-cerejeira	5 »
Xarope de ipecacuanha.....	125 »
Xarope de belladona.....	25 »
Xarope de ether.....	25 »

F. s. a. Para tomar uma colher, das de café, á noite. A's creanças de maior idade, duas, tres, quatro das ditas colheres durante o dia e a noite.

Xarope de quinina para creanças

(AUJÉ)

Sulfato de quinina.....	1 gramma
Agua de Rabel.....	q. b.

Dissolva e ajunte:

Xarope de acido tartarico..... 30 grammas

Xarope simples..... 40 »

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Parecer da Comissão de Guerra da Câmara dos senhores Deputados, ácerca do pharmaceutico mais antigo do exercito.

Senhores.—O projecto de lei n.º 175-C, do sr. deputado Cunha Bellem, attende principalmente a fazer elevar, na consideração do cargo exercido e nas remunerações justamente alcançadas, uma classe pequena e desprotegida porém de muita importancia no exercito, onde é o natural e indispensavel auxiliar da benemerita corporação medico-castrense.

O diminuto quadro de cinco pharmaceuticos, estatuido na carta de lei de 16 de abril de 1859, está claramente indicando que as condições de acesso e os demais beneficios concedidos aos outros quadros, são n'este quasi completamente desconhecidos. Por outro lado, as habilitações scientificas, impreterivelmente exigidas, a essencial aptidão do pharmaceutico, a responsabilidade do serviço que presta, estão impondo melhor retribuição e um justo incitamento, que tragam a esta classe quem n'ella seja verdadeiramente prestavel á medicina militar, nos multiplices e arriscadissimos lances em que esta ultima tem de ser um elemento essencial ás fôrças combatentes.

Havendo o governo propòsto recentemente na reorganisação do corpo de saude naval, que ao pharmaceutico naval mais antigo, chefe da respectiva classe, se dê a gradação de capitão tenente, ahi se encontra egualmente provado já quanto convém estatuir analogo direito ao chefe da mesma classe no exercito de terra. Demais, senhores, a concessão, além de estabelecer assim a entidade superior

de uma corporação, onde até agora a não havia, o que é regular, harmonico e militarmente vantajoso, sôb o ponto de vista da disciplina e do bom serviço, permite ainda uma melhoria de reforma a funcionarios, quasi sem futuro, que por largos annos se hão de constantemente entregar a mesteres mais abundantes de fadiga e responsabilidades, do que de lucros ou de glorias.

A vossa commissão é, portanto, de parecer que o projecto de lei n.º 173-C, do sr. deputado Cunha Bellem, merece ser attendido e convertido no seguinte:

PROJECTO DE LEI

Artigo 1.º No quadro dos pharmaceuticos militares pertence a graduação de major ao mais antigo dos pharmaceuticos.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.—*Caetano Pereira Sanches de Castro—José Frederico Pereira da Costa—Jeronymo Osorio de Castro Cabral e Albuquerque—Manuel Joaquim da Silva e Mata—Antonio José de Avila—Sebastião de Sousa Dantas Baracho—Cypriano Leite Pereira Jardim—A. M. da Cunha Bellem—Eugenio de Azevedo—J. C. Rodrigues da Costa, relator.*

Assumptos pharmaceuticos

da Ordem dos Pharmaceuticos

(Continuado de pag. 100)

A IMPORTANCIA DE UM RAMO DE SCIENCIAS MEDICAS

Vamos apresentar as proposições a que no artigo antecedente nos referimos, e que servem de base ao nosso artigo:

Pode um alumno de pharmacia, ser pharmaceutico e ter a comprehensão do que o seu titulo de habilitação representa?

Como ha de elle proceder á analyse chimica preparato-

ria dos productos que recebe em sua casa, se lhe faltam os principios mais elementares de chimica?

Como ha de elle cumprir as condições da sua profissão, e que são indispensaveis ao pharmaceutico?

Pôsto isto entremos no assumpto.

Sabem os leitores não só pelo que dissemos no outro artigo, mas tambem pelo que a experiencia e uma simples reflexão mostram claramente, que ao pharmaceutico está confiada uma missão tão importante como ao medico; porque se este receita, aquelle necessita estar sufficientemente habilitado, não só para bem saber preparar ou dirigir a preparação do producto que lhe pedem, mas tambem, para antes d'isso, proceder á analyse preparatoria dos productos que tem de empregar n'ella.

Comos vimos, não são só estes os serviços que a sociedade reclama do pharmaceutico, e que elle tem de satisfazer, com a seriedade e segurança que se espera do membro de uma corporação scientifica.

E é claro que, quem não tiver dilatados estudos, não está no caso de desempenhar os trabalhos a que acabamos de nos referir.

É um facto incontestavel, como dissemos no numero anterior, que os maiores luminares da chimica têm saído da classe pharmaceutica, e o partido que todas as sciencias tiram do grupo physico-chimico é tão valioso e conhecido dos individuos de mais ou menos instrucção, que julgamos desnecessario demorar-nos n'este ponto.

Estabelecidos estes principios, se mostrarmos que ha individuos que pertendem entrar para uma corporação scientifica, sem as habilitações que o seu curso exige, e que são letra de lei, e que estes individuos são alumnos de pharmacia, demonstradas ficam as nossas proposições.

Effectivamente o alumno de pharmacia que em vez de estudar as disciplinas que a lei exige, anda pedindo aos legisladores, não mais sciencia do que a lei pede actualmente, mas sim que lhe dispensem esta, porque não tem capacidade para a estudar, ou porque é indolente e incapaz

de se dedicar a um estudo serio, não está nos casos de ser pharmaceutico, porque não tem a comprehensão do que o seu titulo de habilitação representa.

Comprehenderiam n'isto os nossos legisladores?

Infelizmente não, como o provam factos positivos, e que nós mostram que não devemos descançar á sombra dos louros alcançados n'esta ou n'aquella batalha, nem desanimar, se o combate nos fôr desfavoravel. As camaras legislativas concederam, como é sabido, a André Gonçalves Pinto, a faculdade de fazer exame de pharmacia sem os competentes preparatorios.

A maior responsabilidade d'este infeliz caso, cabe, a nós so vêr, ás commissões d'ultramar, porque fôram ellas que elaboraram os pareceres, quando a sua resposta devia ser — que não estavam habilitados para dar pareceres sôbre assumptos de instrucção e de saude publica, e que para estes trabalhos lá existem as respectivas commissões.

As commissões d'ultramar são de certo muito competentes para tratar de negocios que digam respeito ás nossas possessões, ou para qualquer reforma de marinha, porque têm no seu centro officiaes da armada, mas para questões de pharmacia são tão competentes, como nós somos para resolver as que lhes dizem respeito.

Mas se suas ex.^{as} estivessem doentes, não haviam de querer que aquelle, que julgaram nos casos de prescindir dos preparatorios para fazer exame de pharmacia, fôsse o preparador ou dirigisse a preparação dos medicamentos que tivessem de tomar.

É obvia a razão que temos para affirmar que suas ex.^{as} procederiam d'esta forma. Com effeito, pode-se duvidar que individuos illustrados, não saibam avaliar a importancia da missão elevada que o pharmaceutico desempenha na sociedade?

Devemos exitar em dizer que homens, que têm mais ou menos conhecimentos da importancia de um preparado medicinal, não saibam que o seu preparador deve ser bastante instruido, e que a falta de conhecimentos ha de ne-

cessariamente leval-o a praticar êrros graves, que implicam com a conservação da vida?

De certo que não, e suas ex.^{as} sabem perfeitamente que o pharmaceutico, sem as habilitações competentes, é um perigo para a humanidade, porque não está no caso de cumprir as condições que indicamos no outro artigo e que lhe são indispensaveis. Consta-nos que alguém disse, que não se devia exitar na approvação do projecto—que hoje é letra de lei, porque A. G. Pinto ia exercer a pharmacia para S. Thomé.

A isto responderemos com o que a faculdade de medicina disse em favor de uma só classe de pharmaceuticos, de que tambem somos defensores, e que se pôde aqui applicar.

«Parece-nos immoral o paralelo que se pretende estabelecer entre a ordem das populações e a categoria dos pharmaceuticos.

«A nação deve proteger por egual a saude dos povos nas populações ricas e nas pobres, nas cidades como nas aldeias. Um pharmaceutico precisa conhecer a sua arte da mesma maneira, quer exerça nas provincias quer exerça nas capitaes».

Felizmente este facto ficará isolado, porque a opinião autorizada dos lentes da escola medico-cirurgica e dos da faculdade de medicina condemnou este acontecimento, e isto junto aos protestos do Centro Pharmaceutico do Porto e da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, ha de imperar no animo dos legisladores, e não permitir que taes casos se repitam.

A *Medicina Contemporanea* escripta por professores da escola medico-cirurgica de Lisboa, disse:

«Que circumstancias concorrerão no agraciado, para que se faça esta gymnastica com as leis?

«O caminho continua excellente. Esperemos que em pouco os nossos independentes legisladores transformem n'um medico ou n'um padre, qualquer curandeiro ou sachristão que disponha d'alguns votos nas eleições.

«Não será porém melhor que se publiquem as tarifas?»

E a *Coimbra Medica*, de que é director o distincto professor da universidade, dr. Augusto Rocha, e de que são collaboradores varios professores da faculdade de medicina diz no n.º 2 de janeiro:

«Escandalo legislativo.—Foi approved na camara dos pares um projecto de lei dispensando André Gonçalves Pinto dos preparatorios exigidos pelo artigo 11.º da lei de 12 de agosto de 1854 para ser admittido ao axame de pharmacia, de que trata o artigo 136.º do decreto de 29 de dezembro de 1836.

«Não sabemos o que reteve os legisladores em consummar o escandalo. Sim! Porque, como se trata de dispensar exames, era mais simples dispensal-os todos e auctorisar o sujeito a usar do titulo e profissão de pharmaceutico sem mais formalidades.

«Era mais simples e igualmente engenhoso.»

Para reforçar mais a nossa causa, devemos tocar, ainda que de passagem, n'um documento importantissimo, saído de um laboratorio respeitavel.

Referimo-nos ao projecto de lei, que a faculdade de medicina apresentou ao governo, afim de se crear a faculdade de pharmacia.

Não podemos analysar agora este projecto, não só por já o termos feito no n.º 172 da *Gazeta dos Hospitaes Militares*, mas tambem porque teremos occasião de nos occupar d'elle, em alguma sessão da Sociedade Pharmaceutica.

Para concluir diremos que em vez dos nossos legisladores se entreterem com cousas identicas ás que apresentamos, bom será que tratem antes de reformar o ensino pharmaceutico, com que o paiz de certo lucrará mais.

F. DE CARVALHO.

A GEOLOGIA

ESBOÇO HISTÓRICO

Pelo sr. Ed. Lambert

(Continuado de pag. 74)

IX

A publicação *La Theorie de la Terre* por Hutton, em 1785, influiu muito na geologia, este auctor regeitou parte das hypotheses, que attribuiam á agua a origem de certas rochas; explicou, pela acção do fogo central, não só a formação de uma multidão de rochas e mineraes, mas também a de nossos continentes, que imagina terem sido levantados do fundo das aguas. As theorias de Hutton são muito racionaes, mas este geologo também, algumas vezes, se perde em conjecturas, que destroem a boa impressão de suas asserções plausiveis.

Elle é considerado o chefe da escola vulcanista.

De Saussure despendeu uma grande parte de sua fortuna, consagrando sua vida ao estudo da constituição physica dos Alpes. Acompanhado de guias e operarios, percorreu essas gigantescas montanhas a pé, de martello em punho, subindo as rochas as mais escarpadas até aos cumes os mais elevados, sem o aterrarem as neves ou os gélos eternos. Repousando de suas fadigas, consignava suas observações gradualmente, produzindo uma obra immortal; a primeira em que se encontram os factos geologicos, n'uma exposição elegante e com uma verdade até então desconhecida.

X

Ao mesmo tempo que De Saussure subia os Alpes, Werner, professor de mineralogia, na escola de minas de Freyberg, calculando a grande importancia que provinha á sciencia, pelo conhecimento das leis, que presidem á distribuição das especies mineraes no seio da terra; estudou

minuciosamente o paiz que habitava, e assim foi levado á descoberta de muitos factos novos. Elle descobriu nas rochas traços comprovativos de successivos depositos; estabelecendo relações intimas entre as massas mineraes e as circumstancias de seu jazigo e de sua estrutura; restringiu a geologia á observação dos factos e criou uma serie de doutrinas, constituindo uma sciencia a que chamou *Geognosia*. Em 1787 publicou sua theoria, que até 1796 se enriqueceu com grandes aperfeiçoamentos. Como Lehmann dividiu os terrenos em varias épocas; aos terrenos graniticos, chamou terrenos primitivos ou de filão; aos terrenos extractificados de origem mais recente, e apresentando restos organicos, chamou terrenos secundarios ou de camadas. Mais tarde denominou terrenos intermediarios ou de transição, aos depositos intercalados entre os terrenos primitivos e os terrenos secundarios, e apresentando certos caracteres particulares.

Como Lehmann commetteu o erro de acreditar que as montanhas do Herz constituiam o typo das montanhas da terra; produzindo o erro opposto a Hutton, attribuindo todas as formações ao fluido aquoso; conquistando assim para seus adeptos o nome de neptunistas. Werner conquistou seus creditos, pela forma decidida de seu systema, e sobretudo pelo talento com que ensinou a determinar a composição mineralogica das rochas; mas como todos os homens, concepções arrojadas, elle inspirou a seus discipulos, não só uma veneração independente, que deve caracterisar os verdadeiros sabios, mas tambem, uma admiração fanatica, conducente á crença até dos erros mais inverosimeis: este servilismo scientifico prejudicou muito os progressos da geologia. Seus numerosos adeptos se espalharam immediatamente pelo mundo e proclamaram que, as leis reconhecidas n'uma pequena parte da Allemanha, bem comprehendidas, podiam-se applicar a todos os sitios da terra.

Freisleben, Mohr, Raumer, Brocchi, D'Aubuisson, Charpentier, De Bernard, etc., exploraram as differentes partes da Europa. Humboldt percorreu o novo mundo e seus tra-

balhos, não só sobre as sciencias naturaes, mas ainda sobre quasi todos os conhecimentos humanos, causaram verdadeira admiração. De Ruch percorreu a Escandinavia, a Italia, as ilhas d'Africa etc., e D'Aubuisson poude justificadamente avançar a proposição, com referencia a Werner, como se dizia de Linneo: «os seus discipulos se espalharam por toda a terra e a natureza inteira foi interrogada em nome de um só homem.»

XI

Em todo o decurso do decimo oitavo seculo, a geologia se conserva ainda nas fachtas infantis; a theoria geogenica a domina, sem que a experiencia presida ao seu dominio. No entanto, no fim d'este periodo, as diversas formações começaram a ser melhor conhecidas, as descripções de geologia local substituiram os systemas.

Não se extinguiram no entanto os systemas, o que demonstra quanto a humanidade preza substituir a verdade pelos sonhos da sua phantasia, mas os systemas tomaram então um character mais positivo, procurando firmarem-se nos factos da experiencia. De Lametherie, considerando os factos adquiridos assaz sufficientes e provados, julgou poder fazer a historia das revoluções do globo e publicou uma theoria da terra (1791) que se assemelha ás do seu tempo. Dolomien (1750-1801), substituindo a Daubenton na cadeira de mineralogia do Museu de Paris, publicou algumas memorias sobre os vulcões e a *Voyage aux iles Lipari*, etc.

Particularmente elle tinha estudado as dunas e os depositos de lodo, com o fim de descobrir as edades geologicas. Admitte que todos os elementos constitutivos do nosso globo, dissolvidos n'um liquido qualquer, seguidamente crystallisaram confusamente em grandes agglomerações. As montanhas e os valles primitivos resultaram da elevação e da destruição parcial da casca terrestre, e valles secundarios se cavaram pelo impulso de immensas correntes. Não acreditava que o mar tivesse permanecido nos nossos

continentes, imaginando que os depositos de conchas marinhas, que n'elles se, notam, procediam das marés ascendendo a grande altura. Deluc (1770-1810) é o mais original; suppõe que, no seu principio, o globo se conservou n'um estado de congelação completa. Mais tarde o sol, tornando-se luminoso, fundia successivamente os gêlos, os quaes dissolveram as materias terrosas, que depois crystallisaram, formando os terrenos primitivos. Depois appareceram os seres organisados e os seus despojos se misturaram com os terrenos secundarios, que se depozeram no fundo das aguas. A continua fusão dos gêlos sôbre o globo, produziu immensas cavernas que, por successivas metamorphoses, fôram origem das montanhas e dos valles.

Deluc tornou-se no entanto muito celebre, pelas diligencias empregadas para conciliar o Genesis com as descobertas geologicas.

Fanjas de Saint-Fond foi o primeiro que enunciou a analogia manifesta entre os fosseis conchiliferos e as conchas marinhas. Spallanzani estudou os volcões e as lavas; Scipião Breislak, de Roma, publicou pela primeira vez, em 1811, o primeiro tratado regular de geologia sôb o titulo *Introduction á la geologia*; e mais tarde publicou ainda um outro trabalho muito notavel, sôbre a estrutura exterior do globo. Elle não se pronuncion abertamente pelas theorias da formação pelo fogo ou pela agua; mas primeiro a fluidez primitiva do globo, causa de sua forma espheroides, depois o concurso das aguas produzindo os phenomenos de que o globo foi theatro. Começa por desenvolver a serie de phenomenos resultantes da fluidez ignea; a formação das montanhas etc.; depois examina as que são devidas á acção da agua.

Este systema prevaleceu a todos os outros.

(Continúa.)

F. P. A. GONÇALVES.

Agua albuminada

Prepara-se solvendo 400 grammas de albumina de ovos em 900 grammas de agua distillada, agitando fortemente